ANNO XXVII N. 6
RIO, 11 DE FEVEREIRO 1933
PREÇO : 1$000
MC 932

PÓ DE ARROZ

ROYAL BRIAR

De qualidade extra fina

É usado por todas as senhoras elegantes

É conhecido no mundo inteiro ha mais de 100 annos.

CAIXA 6$000

ATKINSON

LONDRES-PARIS-BUENOS AIRES-RIO

A. VENDA EM TODO O BRASIL

O conto brasileiro

Razões

DUM movimento rapido a rapariga se interpôz aos dois homens e, resguardando um delles, recebeu no flanco a bala que lhe era destinada.

Ao estampido acorreram varias pessôas, que a encontraram ainda atracada ao aggressor cuja arma continuava a disparar.

Só quando o prenderam, ella pediu soccorro; verificaram, então, que estava gravemente ferida.

— Por que fez isto? — indagou Euclydes, aquelle que salvára.

— Pois si elle ia feril-o pelas costas!

— E por que eu não podia ser ferido?

Na sua voz havia quasi uma irritação. A moça retrucou, fazendo-se forte:

— Não sei como foi... Fiz o que faria por qualquer um que corresse perigo...

Camila havia tido um gesto raro, que não era comprehendido. Entrára na sala da repartição em que trabalhava, justamente quando Euclydes, tendo dado por finda a discussão, déra o dôrso ao adversario; este, traiçoeiro, puxára o revolver e ia disparar-lhe um tiro, quando a moça lhe tomou a frente para arrancar-lhe a arma.

Tel-o-ia feito por qualquer um, como affirmára? Talvez não. Era timida e medrosa até; não fosse Euclydes quem corresse o perigo, e ella sahiria correndo, alarmada, covardemente. Era Euclydes, porém, que valia bem a sua vida e a sacrificára.

O facto calou fundamente no espirito do moço.

Admirava-a porque era digna, mas não lhe comprehendia o heroismo de que se julgava incapaz.

Encheu-se, portanto, de pesar pelo seu grave estado, desvelou-se á sua cabeceira, e pedia ao céu que a salvasse, talvez para lhe poupar o remorso de tel-a feito, inconsciente embora, a sua victima...

Camila esteve ás portas da morte; nas horas em que falava pedia, supplicante:

— Deixem que eu morra... Eu preciso morrer...

Certa vez, ouvindo-a, Euclydes lhe disse, numa voz muito branda, muito doce e talvez sincera:

— Eu não quero que morras... precisa viver para o meu amor...

O céu ouviu a prece do rapaz e Camila viveu, mas sahiu tão triste, tão inconsolavel do desastre, que causava dó a quem a visse.

Euclydes reaffirmou-lhe as promessas e, ao ouvil-as, com uma energia de fazer pasmar, ella lhe ordenou que se fosse, que não mais procurasse vêl-a. Depois do heroismo dedicado com que o arrancára da morte, era paradoxal a resolução. Mas foi irrevogavel.

Mais tarde, alguem lhe perguntou a causa de semelhante attitude e ella, sempre inconsolavel, explicou as suas irretorquiveis razões:

— Ha tantos annos o amava e elle, conhecendo o meu segredo, respeitava-o, sim, mas nunca me deu a menor esperança. Eu era como que uma irmãzinha que o consolava das tristezas e traições das outras mulheres; na minha amizade elle se refugiava, mas nunca me deu, na solicitude fraternal com que me distinguia, a menor esperança. Eu, comtudo, á força de lhe querer, de lhe provar que seria a *unica* que o não desencantaria, a *unica* de quem elle seria o eterno eleito, podia esperar que me viesse a comprehender e a amar. Agora, elle morreu para mim tanto quanto si o tivesse varado a bala maldita... Porque hoje ou amanhã verei nelle o egoista eternamente grato a quem lhe salvou a vida, e eu me julgaria, aceitando-o, apenas a sua obrigação, nunca a preferida, a amada, a escolhida... e o meu amor absoluto jamais se contentaria com uma simples gratidão.

NÉNE DRUMMOND

VINTE ANNOS!

SEDGELY queria mostrar á esposa de Miller o perigo em que vivia. Achava-se apoiado á borda do navio contemplando as tranquillas aguas do Pacifico, em que a luz da lua se *reflectia* como em um espelho.

— Que tranquillidade em tudo que nos rodeia! — exclamou Miller. Não achas?!...

Sedgely concordou com um movimento de cabeça. Não ouvira bem o que o outro lhe dizia. Pensava:

— Estará cego este homem?...

— E's um ente feliz! disse Miller.

— O dinheiro não dá tudo... respondeu Sedgely.

— Já sei. Costuma-se collocar em primeiro logar a saúde e o amor. Porém não se deve esquecer que uma bôa renda concorre muito para a felicidade. — (e com um gesto mostrou a elegante silhueta do navio em que estavam: o "Lyrio Branco"...) Quanta gente cheia de saúde, apaixonada, quizéra poder passar uns mezes a bordo deste barco!...

— Não pense nos outros, quando está realizando uma viagem de descanso. Deve aproveitá-la bem, e deixar que as coisas sigam o seu curso natural.

— Oh! não creias que não o faço! E tudo graças a ti... Nunca poderia realizá-la assim, sómente com o que ganho com os meus doentes em Londres.

Sedgely estava preoccupado... Os dois homens se conheciam desde meninos, andaram juntos na escola. Depois Miller seguira a medicina e installou-se em um dos bairros de Londres, á espera da clientela.

Sedgely, que herdára de seu pae uma grande fortuna, dividia seu tempo entre reuniões sociaes e cruzeiros por todos os mares do mundo, a bordo de seu "yatch" cheio de conforto e commodidades. Seu maior prazer era convidar seus amigos para essas excursões.

Naquella occasião, estava quasi arrependido de ter convidado seu amigo Miller e sua esposa. Aquella mulher levára a ansiedade a bordo.

As mãos de Sedgely tremiam. Como iria dizer a Miller que todos os que iam com elles naquella excursão observavam a excessiva familiaridade entre sua esposa e um dos criados de bordo...

Miller não parecia ter notado nada disso. Quando se referia a sua esposa, era de um modo que mostrava sua grande paixão. Apesar de já ter 40 annos, o medico era um espirito infantil. A pratica de sua profissão o absorvêra por completo. Casára-se com uma mulher muito mais moça, apenas vinte annos.

A principio, Sedgely sentira-se attrahido pela joven, por sua belleza, sua intelligencia, sua distincção.

Era morena, muito viva, e nos primeiros dias de sua permanencia a bordo, todos sympathizaram com ella. A mudança só se deu depois da escala em Sidney.

Neste porto tiveram de desembarcar um dos criados, que adoecêra. Em seu logar embarcou um rapaz de bôa apparencia, bem educado, que se chamava Warden.

Era ligeiro, agil, alegre, bem disposto para o trabalho. Instinctivamente, Sedgely não gostava delle, porém nunca chegou a suppôr que as cousas seguissem o curso que tiveram após.

Poucos dias depois de se achar de serviço a bordo, todos, menos Miller, notaram que se estabelecêra uma intimidade entre a sra. Miller e Warden.

Podia-se garantir que flirtavam. Isso causava grande desgosto a Sedgely, o qual procurou o meio de impedir que se désse um escandalo.

* * *

— Que linda noite! exclamou Miller, interrompendo os pensamentos de seu amigo. Estou encantado, com essa viagem e Irene, não ha duvida, está encantada tambem.

Sedgely não respondeu.

— Esta excursão significa muito mais para ella do que para mim. Ella é moça e sabe apreciar melhor o encanto desses mares que parecem pintados.

— E' um grande erro considerar-se velho. E' perigoso para um homem casado mostrar a grande differença da idade...

Miller pôz-se a rir.

— "Nem devemos esquecer que ella só tem vinte annos. Nunca te agradecerei bastante tua lembrança de nos convidar.

Sedgely sentiu um ruido, e ao olhar para um ponto escuro da coberta pensou distinguir Irene e Warden, que conversavam a um canto, e chamou a attenção de Miller para o lado opposto, dizendo em voz alta:

— Olha, olha ali!

— Que?...

— Uma estrella cadente! Já não se vê... Tenho sêde... Vamos tomar um refresco?...

— E' pena sahirmos daqui! A noite está tão bella!

— Sómente um whiskey com soda gelada; depois voltaremos.

Sedgely fez um esforço para dissimular a raiva que o dominava. Irene teria certamente percebido que elle os vira. Quanto a Warden, seria desembarcado no primeiro porto; explical-a-ia por escripto ao commandante; era desagradavel, porém esse gesto era indispensavel.

— Convencei-me... Vamos ao whiskey!...

— Não... Por este outro lado.

De Dudley Hoge

Quando se sentára á mesa, tomou dois goles de refresco; Sedgely tratou de assumptos triviaes, porém não sahia de sua cabeça a scena que presenciára. Lembrou-se que Miller lhe disséra que conhecêra a esposa dois mezes antes do casamento. Não tinha parentes, trabalhava em um escriptorio e naturalmente pensou que Miller, não sendo muito moço, seria uma bôa presa, pelo seu genio simples. Miller levantou o copo.

— Pela felicidade de meu amigo!...

— Ao meu mais estimado camarada!

— A todos de bordo... São muito sympathicos... Em excepção... confesso que sinceramente á sra. Durlow...

— Oh! não faças caso! E' um espirito antiquado; não concorda com as idéas modernas, porém não é má; o que faz é na crença que é correcto.

— Será assim... Mas... me aborreceu um pouco... Reparaste no novo creado, chamado Warden?

— Sim...

— Imagina que é da mesma cidade em que nasceu minha esposa; conheceram-se creanças. Reconhecendo-o em Sidney, onde procurava emprego, falou com o commandante, para que o tomasse, pois havia um logar vago. Acho muito natural que se lembrem da sua infancia, mas a sra. Durlow parece suppôr que existe outra cousa...

Sedgely limitou-se em responder.

— E' uma mulher ridicula. Não faças caso!

Porém os factos deviam se tornar perigosos...

No dia seguinte, o ambiente estava carregado. Não havia a menor brisa, uma calma precursora de tempestade. O céo tinha uma côr estranha.

— Que acha? — perguntou Sedgely ao commandante.

— Receio muita cousa... Esta calma não é natural. Porém nada se deve dizer aos passageiros para não assustál-os. Esperemos...

Tomaremos as devidas precauções.

Sedgely respondeu ás diversas perguntas dos passageiros. Viu Irene sentada em uma poltrona com um romance na mão... A pouca distancia della estava Warden, em attitude respeitosa... Não havia nada o que dizer... Porém, quando ia lhe falar, Miller segurou-lhe no braço e perguntou:

— Parece que teremos tempestade?!...

— Sim, tenho medo... Esta calma nada indica de bom... Isso não quer dizer nada... O navio é bom...

— Assim o penso. Pessoalmente, me agrada o espectaculo de uma tempestade no mar... Mas Irene está tão nervosa!...

— Não ha nada a temer!...

Passaram-se algumas horas. O ambiente parecia influir nos que estavam a bordo. Todos estavam nervosos... Já era tarde quando Sedgley subira para falar ao commandante.

— Ouviu? perguntou este.

— Que será?

— O que eu temia: uma tromba dagua. Isso é o que viamos no horizonte. E' possivel que tenha havido alterações vulcanicas. O fundo do Pacifico está cheio de perigos. Levantou-se para dar umas ordens. Pouco depois, o vento soprava com violencia, sacudindo o navio. O perigo chegára. As aguas se levantavam, formando altas montanhas. Sedgely dirigiu-se á coberta, onde tudo era confusão.

Aconselhava aos seus hospedes que fossem para seus camarotes afim de dar liberdade de acção á tripulação, para as manobras. A tempestade passará. O sol brilhava de novo... Sedgely estava satisfeito.

— Passou o perigo!... Estamos agora perfeitamente seguros — disse o commandante.

— Nunca vi espectaculo tão imponente!... — disse Miller. Pensei que o céo cahiria sobre nós.

No corredor os creados corriam, atarefados.

— Ha alguem ferido? perguntou Sedgely.

— Não, senhor!

— Onde está Irene?... Ninguem a viu.

— Deve estar no camarote, — disse um creado.

Os dois homens dirigiram-se para lá. Sedgely foi o primeiro que chegou á porta e quiz occultar o que via. Porém, era tarde!... Irene estava deitada no chão. Um espelho desprendêra-se da parede e batêra-lhe na cabeça... Perto della, e tambem no chão, o creado Warden.

Miller olhou em silencio. Seu amigo observava com ansiedade. Afinal, o medico ajoelhou-se e, serenamente, disse:

— Está desmaiada!

— Quer que chame uma creada?

— Não acha melhor tirar primeiro esse homem?... Não ha ninguem perto!... Nós mesmos poderemos!...

— Sim, comprehendo! Obrigado. Examinal-o-ei depois. A voz do medico era impessoal. Levarei o creado e o entregarei aos companheiros.

— Agazalhem-no bem, disse Sedgely. O doutor virá depois.

— Irene está melhor. A moldura de metal do espelho, ao cahir, bateu-lhe na testa, mas não é nada de grave. Está dormindo.

(*Continúa na pag. seguinte*)

TRAMAS DO DESTINO

(Ao feliz psychólogo de "Uma Garçonne Carioca").

SOÁRA, no torreão do Gymnasio, o grande sino que parecia dizer aos collegiaes: "Estudantes — Recreae-vos agora!" Um vozerio ensurdecedor espalhou-se pelo velho pateo, ornado por verdejantes plátanos; aqui e alli, formavam-se grandes grupos de alumnos; commentando uns, as licções da ultima aula; outros, palestrando sobre os resultados dos jogos de domingo ultimo. A um canto, dois jovens conversavam em voz baixa, confidencial.

Eram dois amigos inseparaveis.

Nessa manhã, Carlos, o mais joven parecia um tanto abatido, com pouca disposição para o labôr mental.

Alberto fazia grandes esfórços para distrahir o seu amigo.

Dias antes, os dois colléga foram convidados para um grande baile, em homenagem á belleza estonteante da senhorinha Éros de Campos, vencedora do "Concurso de Belleza Regional".

Nessa reunião, os dois amigos foram apresentados á homenageada, uma figura esbélta, linda, de linhas esculpturaes. Carlos, vencido pelos encantos de Éros, tremulo, approximou-se da moça, pedindo-lhe concedesse a honra de dançar uma valsa-lenta. E ouviu, como si fosse um gorgeio, a resposta: "Com todo o prazer!"

Éros — uma rosa em botão, prompta para ser despetalada pelas mãos escaldante da voluptuosidade. Seu olhar derramava clarões que accendiam o rastilho das paixões dos que se lhe aproximavam. Sua bocca— uma amphora que guardava os beijos que pareciam afflorar-lhe aos labios á procura de outra bocca!

Sob a gaze transparente, vislumbravam-se dois pharóes alaranjados, sentinéllas da praia morena de seu corpo.

Carlos, tomando-lhe uma das mãos, enlaçou-a... e ambos mergulharam na vertigem da dança.

Terminada essa, combinaram-se para dançar a seguinte.

Carlos, imprevistamente assaltado pelas settas de Cupido, fazia ao seu lindo par as mais ardentes confissões de Amôr, completamente embriagado na taça verde de todas as esperanças; esquecia-se de tudo: de sua vida, de sua pobreza; via, á sua frente, apenas "ella" em quem reunia todo o Universo.

O "Jazz" rompe uma gargalhada e "fox" fez com que o venturoso par se levantasse, seguido pelos olhares dos que os rodeavam...

Terminada a festa, madrugada alta, Eros, despedindo-se de Carlos, marca-lhe um encontro para o dia seguinte, em luxuosa confeitaria.

Entre as quatro paredes de seu quarto, Carlos deixára-se ficar acordado, com o pensamento revoluteando no salão de baile... Não pudéra conciliar o somno. Da maior alegria passava para a mais triste das tristezas.

Seu acabrunhamento á hora do recreio era explicavel, era o resultante da luta tremenda que tivéra como campo de batalha o seu "eu".

Rapaz pobre, estudando á custa de enormes sacrificios de sua velha mãe, não poderia alimentar por muito tempo a labarêda de seu sonho de amôr.

Revirava os bolsos e nada encontrava; era evidente que não poderia comparecer ao "rendez-vous" amoroso.

Em vão, Alberto tentava consolál-o.

Não tendo onde encontrar o dinheiro necessario para, ao menos uma vez, mentir a sua condição de estudante pobre, Carlos faltou ao compromisso.

Pelo passeio fronteiro á confeitaria, andava sem saber como, allucinado, em febre, o pobre enamorado, esperando a sahida de Éros. A encantadora, depois de saborear a sua chavena de chá, sahiu calmamente. Déra alguns passos, quando foi abordada pelo infeliz apaixonado.

Depois de se desfazer em desculpas, o mancebo déra-lhe a entender a sua verdadeira situação implorando-lhe, com os olhos marejados de lagrimas, uma parcella de amôr. Era pobre, sim, mas estava estudando, era intelligente e teria, mais tarde, um nome illustre, com que poderia honrál-a. Fez-lhe ver que o saber vale mais que o dinheiro; aquelle fica com o homem; este, póde desapparecer de um momento para outro. Éros, com um sorriso malicioso, deixou-o falar, para responder-lhe:

— Não tens o necessario para te sustentares e ainda te atreves a me falar em amôr? Quando muito, poderias servir de meu creado. Tenho bastante adoradores, promptos a depositar a meus pés verdadeiros thesouros. Deixa-me em paz e não me persigas com tuas lamurias; guarda-as para as creadinhas ou para as empregadinhas das fabricas.

Carlos, desesperado, dirigiu-se automaticamente para casa, tran...

VINTE ANNOS!

(Conclusão)

— Perdão, doutor, disse um creado. Warden está muito mal.

— Vou já!

O creado foi collocado sobre uma das mesas da praça darmas da tripulação. Sedgely esteve perto de Miller, que permanecia silencioso emquanto examinava o ferido. Passaram-se uns minutos sem que dissesse uma palavra.

— Então?

— E' grave!... Um pedaço de vidro entrou na cabeça! E' preciso operál-o immediatamente.

Virou-se para um creado e pediu sua maleta de ferros.

Quando ficaram sós, disse ao seu amigo:

— A sra. Durlow tinha razão!

— Quem sabe?... A's vezes as apparencias...

— Preciso saber a verdade!...

De Cardoso Filho

cou-se no seu quarto e chorou sobre o cadaver do seu sonho. Alberto procurava em vão desviar o pensamento do amigo.

No dia seguinte, Carlos acompanhou com o olhar a silhueta do amigo que dirigia-se para o collegio, deixando-se ficar em casa, na onda de fogo de sua dor. E assim passaram-se dias e semanas; entretanto os esforços conjugados de sua mãe e de Alberto fizeram-no mergulhar novamente no delirio dos estudos.

* * *

Com todos os preparatorios, Carlos ingressou no portal da Academia de Medicina, e Alberto matriculou-se na Escola de Engenharia. Foram seis annos consumidos nos altos estudos do altar de Hippocrates; como assistente dos grandes operadores, passava noites e dias curvado sobre as mesas de operações.

Continuava cultivando aquella amizade com Alberto, flôr rara de amizade desinteressada no meio do turbilhão de falsos amigos, minados pelo cancro do egoismo e do interêsse.

Depois de formados, os dois amigos separaram-se. Alberto, no exercicio de sua profissão, fazia frequentes viagens pelo interior do Estado. Depois de um longo periodo de ausencia, os dois velhos amigos encontraram-se. Como naquella manhã, ha sete annos passados, no pateo do Gymnasio, Carlos estava abatido e um circulo violeta-escuro volteava-lhe os olhos. Alberto, notando o abatimento physico do amigo, perguntou-lhe:

— Que te aconteceu? Estás doente? Qual a origem?

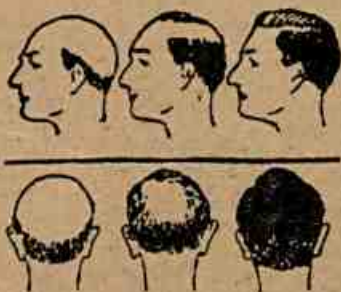
— Oh! meu bom amigo! Conversemos um pouco; deixa que eu reparta comtigo a magôa que me vae na alma. Estás lembrado de Éros? Lembras-te daquella flôr de belleza e de orgulho sem par! Lembras-te daquelle amôr que ia arrastando-me ao mais profundo dos abysmos, si não seguisse os teus conselhos? Embora tudo fizesse para esquecel-o, desterral-o da praia de meu coração, não o pude. Ah! meu caro! Como é revoltante a divisão da humanidade em ricos e pobres, em senhores e escravos, em materialistas e espiritualistas! Como sabes, segui os teus conselhos, e, casando o dia com a noite, consegui chegar ao termino da jornada. Mas, não consegui riscar de meu diccionario a palavra *Amôr!* Embóra, olhando para traz, olhando em volta, só encontre a loucura da mocidade e a vaidade de algumas mulheres que brincam com o amôr como si ainda brincassem com bonécas, que têm pelo amôr a mesma consideração que vótam ao desconhecido e não tentam aprofundar. Ao retroceder o pensamento para o passado, sinto que do meu intimo se eléva um não sei quê, parecido com uma fumaça que vem condensar-se em meus olhos. Não são lagrimas, não chegam a formar gottas, é um nevoeiro que me tólda a vista — é o chorar da alma.

"Vivo do trabalho e para o trabalho, procuro fazer bem á humanidade, attendendo a todos os que me procuram para allivio de seus males. Não faço da Medicina um balcão, mas sim um sacredocio do bem. Nunca fui mudo aos gritos do pobre; não cortejo os ricos; não me curvo aos potentados. Faço a caridade sem alárde; négo, sim, o meu apoio ás "festas de caridade" commercio de damas elegantes, montras de exhibições dos ultimos modelos de vestidos, fazendo recláme de uma caridade pelas columnas da imprensa.

Hontem, a ambulancia da Assistencia Publica veiu buscar-me para prestar soccorros a uma mulher que fôra ferida. Ao entrar numa pensão se me deparou um quadro horrivel. Sobre uma cama tôsca, uma mulher, retalhada á navalha, agonizava. Reconheci alguns indicios de uma belleza esmaecida, uma tenue sombra do que fôra. Nada pude fazer; momentos após, a alma abandonava aquelle corpo. Aqui tenho dois retalhos de jornaes. Toma-os e lê:

Alberto, tomando o primeiro recórte, leu baixinho: "Notas Sociaes. Realiza-se hoje o grande baile em homenagem á encantadôra "Rainha de Belleza", senhorita Éros de Campos. Éros, que é um finissimo ornamento de nossa sociedade, verá o quanto é apreciada".

Depois, tomando o outro recórte, de sete annos depois do primeiro, leu:

"Notas Policiaes. No interior de uma casa de tolerancia, um marinheiro produziu em sua amante, Éros de Campos, varios ferimentos, com uma navalha, occasionando-lhe a morte."

A unica pessôa a quem me posso dirigir para isso é a ti!...

— Não te exaltes... Talvez não seja o que pensas... As apparencias, ás vezes, estão tão longe da realidade...

As mãos do medico estavam firmes, quando elle pegou nos ferros para a operação.

— Pensa salvál-o, doutor? disse o creado.

— Talvez... Deixe-me só. Qualquer distracção...

Eram duas horas quando reappareceu o medico. Sedgely, ao vêl-o, olhou-o receioso de perguntar o que havia:

— Está bem... Consegui salvál-o... Sim, tive serenidade sufficiente... Asseguro-lhe que não foi facil... O medico impoz-se ao homem.

— Deves tomar qualquer cousa e descansar, meu amigo!...

Miller não ouvia e, olhando a agua, disse:

— Ella só tem vinte annos!

R. NOGUEIRA (Minas) — Oh! E' inevitavel! Sempre que chega o carnaval, ha de apparecer nesta secção alegre, um poeta engraçado. E' o fructo da época.

Desta vez coube primazia ao sr. R. Nogueira.

Vejamos a sua carta, poeta:

"A' Redacção do "Fon-Fon" — Rio de Janeiro. Recentemente remetti uma segunda copia do soneto intitulado "Teu sorriso" que havia sido remettido, para publicação, por uma senhorita de Bello Horizonte.

Scientifico-lhes que, estando corregindo todos os meus trabalhos, para efetividade da encadernação de um livro, dei ao mesmo soneto uma outra forma, na segunda quadra, conforme copia junta, que deve de ser observada por essa redacção, no caso de querer honrar-mi com a publicação diele.

Já fiz scientificação dessa nova forma, á pessoa a quem foi dedicado. Sou, com o maximo apreço,

De Vas. Sas. Amo. Obgrmo."

Bem. Vê-se por ahi que, o sr., para gloria das letras nacionaes, vae reunir os seus trabalhos "para a effectividade da encadrenação de um livro".

Quer dizer, vamos conhecer mais um grande poeta... (Terá o sr. mais de 1,75 de altura? Nesse caso, será um grandissimo poeta...)

Mas, leiamos o primor (?) do seu soneto, cuja fórma foi caprichosamente burilada...

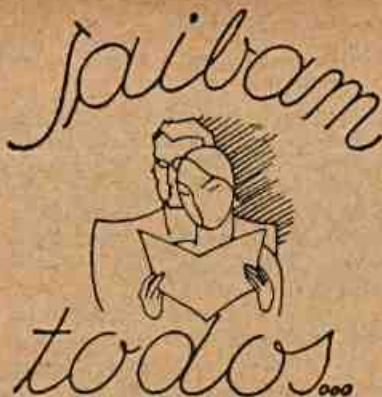
Lá vem elle...

SONETO

"TEU SORRISO"

Teus labios têm sorriso, em bocca,
[que mimosa,
Deslumbra o coração, que geme,
[que palpita,
Que vive assim doente e soffre dôr
[maldita,
Co'infrene duração da sorte ca-
[prichosa!...

Quando te vejo sempre altiva e
[mais graciosa,
Fremito, teu encanto assim, bem
[mais me agita;
E o negro coração, que geme, sof-
[fre e grita,
Nem, já m'o despedaça a dôr!...
[Dôr desditosa!...

Sinto que o teu olhar desprende
[a luz, o brilho!...

De Deus, eu sendo, aqui, na terra,
[méro filho,
E' sobre mim que mais olhares
[teus resplendem!

A minha vóz levanto e clamo no
[deserto,
Com louca vibração de dôr, aqui,
[por certo,
Das ironias taes e tuas que me
[offendem!

O sr. é mesmo um poeta engraçado — além de grandissimo... Sabe por que? Porque escreve sonetos atrapalhados, especie de feijoada de rimas, para as leitoras bonitas do "Saibam Todos..." rirem ás bandeiras despregadas ou a meio pau... (Pau não é allusão ao seu soneto...)

O sr. começa dizendo que a sua predilecta "têm labios e sorriso em bocca que, mimosa, deslumbra..." Ora, até agora, só conheço um sorriso que não é em labios, nem em bocca mimosa, que deslumbra... E' o sinistro e philosophico sorriso das caveiras... E si a sua querida não parece com estas, é claro que ha de ter o sorriso nos labios... Isto não é nada de mais. Extraordinario seria si ella sorrisse pelo nariz... e espirrasse pela bocca...

E como no fim do seu soneto o sr. se queixa de ironias etc., etc., é bem de ver que a moça tem razão...

Ella deve estar a ler o seu trabalho e a monologar risonhamente: "Mas esse poeta é o typo do bôbo. Depois de tamanho disparate e da "feijoada completa" do seu soneto, quererá elle que eu me mantenha grave e seria como uma defuncta?"

E — zás! — naturalmente, ella lhe ha de amarrar uma "lata" do tamanho de um bonde...

ALCINO (?) — Ora viva! Tenho agora muito prazer em penitenciar-me, com relação a injustiça que lhe fiz...

Desculpe, caro sr.

Não gosto do tratamento de "V. Ex.", porque o considero solemne de mais.

Toda vez que o leio, com esse meu ar displicente, as pernas estiradas, em mangas de camisa, o cabello assanhado, subitamente assumo uma attitude educada, grave, uma compostura meditada, e logo me vem o desejo de mandar comprar umas luvas, uma cartola e uma casaca...

Mas, uff! Que calor! Uma casaca, no verão, — só por causa de um sumptuoso "V. Ex."? Não, poeta. Prefiro o *você* cordeal, amigo, simples, ou o *tu* intimo e fraternal.

Quanto ao resto, julgo prudente publicar a sua bella missiva. E sabe por que motivo? Por causa daquelle impagavel "le votre admirateur..."

Leiamos a referida carta:

"Illmo. Snr. Dr. Bastos Portella, Illustre collaborador na revista "Fon-Fon". Rio de Janeiro. Os meus respeitosos cumprimentos.

Li, hoje, o "Fon-Fon" de 7 do corrente. Não quero crer que o sr. tenha razão de dizer que não gostou do tratamento de Excia. com que me dirigi á V. S., na minha primeira missiva. O sr. é um cavalheiro tanto distincto quanto modesto. Na verdade, raro é aquelle que não é modesto, quando sabe que realmente sabe.

Não consegui comprehender ainda qual a intenção que levou o illustre escriptor pernambucano a publicar minha primeira missiva na secção "Saibam todos...", da delicada revista "Fon-Fon", encerrando a publicação da mesma com uma nota de sua apurada critica. Si errei na applicação daquella phrase em linguagem franceza — " le votre admirateur" — e mereci por isso uma critica, aliás muito honrosa, da parte de V. S., sinto-me com opportunidade de lhe dizer, prezado senhor, que na verdade não tenho noção alguma daquelle idioma e nem tão pouco bases para estudál-o, porquanto mal conheço a lingua portugueza. Não tive a felicidade de receber instrucções intellectuaes sufficientes para um homem na vida, senhor, a não ser dois annos de Grupo Escolar em São Paulo. Mas nem por isso deixo de apreciar os bons escriptos litterarios como os que muitas vezes apparecem nas singelas paginas do meu predilecto "Fon-Fon", umas vezes assignados por Gustavo Barroso ou

Bastos Portela, Martins Capistrano ou outros, todos emfim, merecedores da minha admiração essa que, entretanto, bem sei não encerrar nenhum valor para tão grandes nomes. E nem podia ter valor algum, porque, nas differentes ordens da sociedade, quem sou? Nada, senhor. E isso, pelo menos por óra. Em verdade sou ainda muito joven e quem sabe si Deus algum dia se lembrará de mim, e me dará então a sonhada opportunidade de poder estudar numa academia e de mais tarde, ainda que nos ultimos dias da minha existencia, poder lembrar dos intellectuaes, escriptores e poetas de hoje, como o senhor, e dizer: que profundo orgulho se apodera de mim em poder pisar o vasto terreno do saber, no qual, em outros tempos, pisaram tambem, deixando um rastilho de luz para illuminar os seus successores, os astros que brilharam na litteratura moderna brazileira!

Bom, prezado amigo e dr. Bastos Portela: perdôa-me lhe haver tomado tanto tempo com a leitura desta, mas permitta-me que lhe expresse ainda aqui, a minha admiração pelo seu trabalho inserido numa das paginas de "Fon-Fon" do dia 7 do corrente, com o titulo "Analogia". Esse trabalho veio lembrar-me uma passagem illusoria da vida. E' justamente como o sr. dissera: quando fecho os olhos, o olhar da minha imaginação continua a vêr a mulher amada e que eu perdi para sempre... e que se chamava... ai! Doce nome que jamais me é dado pronunciar senão em segredo, no profundo silencio das noites de minh'alma apaixonada!...

E aqui fica, dr. Bastos Portela, o seu amigo e sincero admirador, a espera do fim da semana para lêr o "Fon-Fon".

Saudações affectuosas."

BRIGIDO TINOCO (E. do Rio) — Olá, caro doutor e poeta! Recebi o recorte de jornal (qual delles?) onde o sr. se dignou fazer uma critica sensata, sobre o meu romance "Uma garçonne carioca".

O sr. foi condescendente e amavel. Mas estranhou, como muita gente, que eu usasse e abusasse das citações francezas...

Oh! Deus do céo! Será possivel que só se possa fazer um romance seguindo os processos de toda gente! Então, não me é permittido ser differente — ao menos nisso! — dos outros romancistas?

As minhas citações e exhibições eruditas, postas na bocca das minhas personagens, indicam, apenas, que não podendo fazer obra bonita e grandiosa, procurei enfeitar o meu romance com o talento e o brilho dos grandes mestres.

Creio que tenho esse direito. O direito de fazer uma obra enfeitada, com rendas e fitas alheias, uma vez que as minhas rendas e as minhas fitas são demasiado pobres e feias...

MARICOTA (Minas) — Sim, minha senhora. E' realmente o literato cearense dr. Antonio Furtado, uma das mais possantes mentalidades do norte do paiz. O seu ultimo livro intitula-se *Idéa Fixa*.

Nelle, se encerram magnificos e interessantes contos, bellos na fórma e no fundo, pois Antonio Furtado além de observador de grande profundeza psychologica, é um verdadeiro mestre do estylo.

O seu livro se encontra á venda, em todas as livrarias desta capital.

CELESTINA (Minas) — Uma cartinha lilaz. O texto... Que me dirá o texto da sua bella missiva? Leio-a:

"Yves. Distraidamente abro um "Fon-Fon" e deparo com: "Saibam todos..." O titulo da pagina desperta-me a curiosidade. Leio ao acaso...

Quanto espirito em poucas linhas, quanta habilidade de artista em tanta delicadeza de critico! Presa por espontanea e viva sympathia, decido-me em lhe escrever tambem uma cartinha... cartinha de amiga admiradora. Apreciei immenso sua franqueza. Acho-a qualidade encantadora, tanto mais preciosa quanto, em nossos dias, ella se torna mais escassa e rara.

Sendo assim vaes me prestar, Yves, um serviço de amigo. Dei para poetisa ultimamente! Compuz algumas poesias e um specimen lhe mando annexo. Para decidir minha attitude na carreira litteraria, submetto-o sincera e ingenuamente ao criterio do critico erudito e franco.

A resposta, senhor Yves, peço-lhe publical-a com a apreciação no "Fon-Fon" da proxima semana. Subscripto-me sua amiguinha, muito admiradora e grata,

Celestina."

O SIGNAL DE SILENCIO

Silenciosa e calma a noite estava,
Pelo clarão da lua illuminada...
E solitario o bonde circulava
Na rua, naquella hora adiantada.

Dormia o quartel na obscuridade
Das arvores sepultado. Pairava
Em tudo uma atmosphera de saudade,
Varrida pela brisa que passava...

De repente... resôou cortando os ares,
Como o marulhar sonoro dos mares,
De uma corneta o som grave e pausado.

A natureza apathica estremece...
De novo, sob o céu, tudo adormece
Envolto na penumbra do passado.

Celestina."

V. ex. deve ser moça e bonita. Pelo menos é de suppôr que, sendo Celestina, esteja em condições de entrar, não na phalange dos "bemaventurados pobres de espirito—" mas, na legião dos anjos e dos outros sêres que moram lá na côrte celeste, d. Celestina...

V. ex. é tudo isso. Mas, creio que não tem veia de poetisa... Nem veia, nem sangue, nem muque...

O seu soneto descriptivo não a recommenda como artista e cultora da *rima*.

Em materia de verso, v. ex. parece andar pela *rama*. Dá a impressão de que *rema* contra a maré da bôa poesia, seguindo um rumo tortuoso e negativo.

Achei estupenda a descripção do que v. ex. põe no 1.º quartato da sua producção: A noite está silenciosa e calma, illuminada pelo clarão da lua. O solitario bonde circula na rua, áquella hora adeantada em que os gallos cantam...

E o guarda nocturno?
Não andava por ali?
Que malandrão! E' por isso que os roubos se succedem... E v. ex. não receia que os gatunos lhe levem o seu formoso collar, de perolas verdadeiras?

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 11-2-933

Data da consulta.............

Nome da consulente.............

....

UMA MULHER MAGRA PERDE O AMOR DO SEU ESPOSO

Os sete sabios da Grecia

Com o nome dos "sete sabios da Grecia", conhece-se um grupo de philosophos que viveram na Grecia e na Asia Menor, durante o periodo comprehendido entre os annos 620 e 550 antes de Christo. Esses sabios eram Thales, Bias, Pytaco, Cleobulo, Periandro, Chilon e Solon.

THALES DE MILETO nasceu em 603 antes da éra christã e falleceu em Mileto no anno 548. Alguns autores sustentam que nasceu na Phenicia. Foi chamado "o pae da philosophia grega", por ter sido o primeiro a expor uma theoria sobre a existencia, chegando á conclusão de que "tudo que existia provinha da agua e á agua volveria". A principio dedicou-se aos negocios publicos, desempenhando cargos de importancia. Mas logo visitou Creta e viajou pela Asia e pelo Egypto, onde se crê adquiriu os seus conhecimentos de mathematica e astronomia. Mediu a altura das pyramides pela sombra que projectavam e poude vaticinar o eclipse solar de 610 antes de Christo. Foi, tambem, o primeiro grego que calculou as orbitas do Sol e da Lua e que considerou os astros como corpos semelhantes á Terra.

BIAS nasceu em Priena (aldeia jonica) pelo anno de 570 antes de Jesus Christo. Consagrou-se ás investigações philosophicas, embora tomasse parte activa tambem na administração, sobretudo nos tribunaes. São notaveis suas sentenças.

PYTACO nasceu em Mitilene, na ilha de Lesbos, em 650, tendo fallecido em 569 antes de Christo. Foi governador de seu paiz, administrando com intelligencia e dando leis sabias ao seu povo. Depois de 10 annos de governo retirou-se á vida privada.

CLEOBULO nasceu em Lindes, na ilha de Rhodes, pelo anno de 560 antes de Christo. Pouco se sabe a seu respeito. Affirmam alguns que foi rei e outros que foi tyranno de sua cidade natal. Era amigo de Solon. Era philosopho e poeta, deixando algumas maximas notaveis, poemas lyricos e enigmas em verso.

PERIANDRO era natural de Corynthio. Succedeu a seu pae, Clypselo, que reinara como tyranno, em 625. Tyranno tambem, fez, porem, de Corynthio a cidade mais commercial da Grecia. Fomentou o seu commercio, estendendo-o até o Egypto. Era guerreiro e as armas de seu povo cobriram-se de gloria no seu tempo. Muito desenvolveu tambem as artes e as letras. Pouco durou o seu reinado, pois, tendo matado, por ciume, sua esposa Melisa, por causa desse crime quasi enlouqueceu e morreu torturado pelo remorso, em 585 antes de Christo.

CHYLON era spartano. Foi ephoro e membro do conselho dos anciãos. A elle se deve o desenvolvimento do ephorado (magistratura), chegando a ter mais poder que os reis. Segundo a lenda morreu de alegria ao saber que seu filho tinha ganho um premio nos jogos olympicos. Esse sabio mandou gravar em letras de ouro, no templo de Delphos, a sentença attribuida a Thales de Mileto: "Conhece-te a ti mesmo".

SOLON, legislador, homem de Estado, philosopho e poeta nasceu na ilha de Salamina, proximo de Athenas, em 638 e morreu em 558 antes da éra christã. Foi um dos maiores e mais celebres vultos da antiguidade.

Um pastor e uma princeza...

Por Luis de Góngora

* * *

— Bem, fica por ahi...

E, com aquelles passos miúdos e silenciosos, a aia se afastou rapidamente da estancia.

Mariblanca, ao ver-se só, respirou profundamente, sentindo toda a alegria da liberdade e, numa ansia de vida e movimento, correu para o jardim, attrahida pelas cantigas que os passarinhos entôam em Maio. Depois, lembrou-se que, ao fim do parque e pulando um muro, havia uns campos grandes, immensos e cobertos de margaridas, papoulas e bluets... Mais longe, um bosque de macieiras e laranjeiras em flôr e, ainda mais longe, umas arvores copadas, enormes e carregadas de amoras...

Tantos e tantos dias a pobre Mariblanca tem sonhado com essas fructas, que seus labios estão rubros, rubros...

Mariblanca tem 12 annos, não consegue comprehender para que serve toda a sciencia que lhe ensinam, porém, sabe sorrir com graça e, ao sorrir, mostra uns dentinhos brancos e miudos

Os cabellos, divididos em duas tranças, são pretos como azeviche e os olhos azues, azues e suaves como myosotis.

O rosto é tão aveludado e fresco, que parece estar sempre humido de orvalho.

Lépida e graciosa como um esquilo, trepa no muro e corre... até chegar ao bosque. Depois corre ainda mais e mais e, finalmente, consegue alcançar as amoras...

Quando o sangue rubro e dôce da fructa mancha seu rosto e gulosamente ella se offerece opíparo festim... ah! um riso alegre e alvoroçado a surprehende e umas outras mãos apertam as suas, emquanto o sangue dôce e rubro escorre entre os dedos...

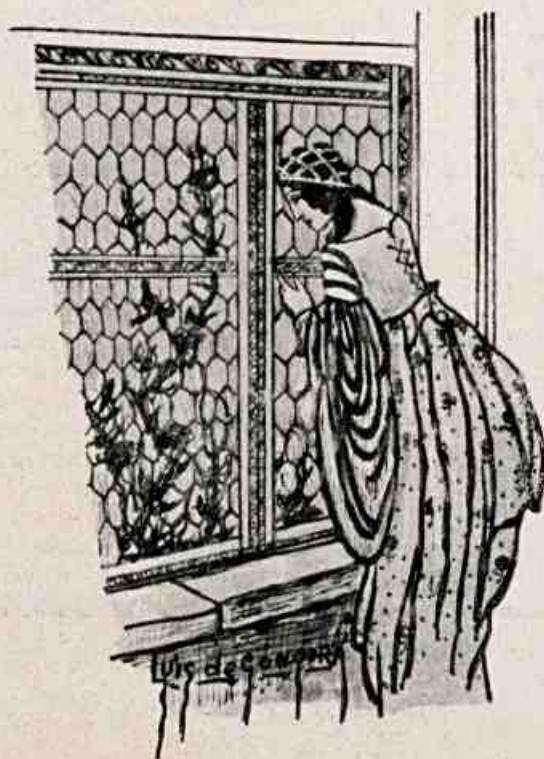
E, embora queira fugir, não o consegue e as amoras ficam cada vez mais amassadas... mais... Ah!

Mariblanca levanta os olhos, assustada: outros azues estão olhando-a e outro rosto manchado de amoras, com os labios tambem muito rubros, estão deante d'ella; são olhos de rapaz; são labios em flôr como os d'ella.

Riem e... começam a mexer-se murmurando:

— Ah, marotinha! Vens roubar minhas fructas?

Ella ri-se...

— Quem es tu?

(Cont. na pag. seguinte)

— Mariblanca, a princeza.

E os dois, que têm os mesmos floridos 12 annos, riem novamente.

— E tu, quem és?

— João Luiz, o pastorzinho.

E, trepados entre os galhos da arvore como passarinhos, picotam as fructas e falam... Falam de coisas incoherentes, misturadas de risos.

Depois Mariblanca se deixa escorregar tronco abaixo, chega ao chão, principia a correr novamente e, já de longe, grita:

— Bem, fica por ahi!

João Luiz a vê afastar-se e, pensativo, emquanto o sangue dôce das fructas continúa manchando seus dedos, entre dentadas gostosas, pensa, admirativamente:

— Como é bonita!

Tambem por sua vez desce da arvore e, olhando para esta e sempre pensativo, diz como Mariblanca:

— Bem, fica por ahi!

E se afasta lentamente até desapparecer entre laranjaes e as macieiras em flôr...

....

Assim é na vida: quando, cansados de assistir ao lauto banquete que esta nos offerece e quando aquillo que por algum tempo despertou nossa cobiça chega a enfastiar-nos, dizemos como a princeza e o pastor:

— Bem, fica por ahi!

E passamos adeante, ansiosos, em busca dos novos festins e desillusões que a vida ainda tem para offerecer-nos...

(*Trecho do livro "Era uma vez..."*).

O QUE SE DEVE SABER

A EDADE DA TERRA

Em notavel trabalho publicado na "Philosophical Magazine", o celebre physico lord Kelvin affirma que a superficie da terra era ainda fluida ha uns 24 milhões de annos.

Naquella época a terra já estava solidificada, menos, porem, em sua superficie e, provavelmente, em pequenas quantidades de lavas e de rochas fundidas que haviam penetrado no interior; no centro, os metaes pesados sem duvida se achavam em estado liquido, apesar da grande pressão que deveria existir naquelle tempo.

A radiação de calor que observamos hoje permitte affirmar que a crosta liquida podia diminuir 40 kilometros em cada 12 annos.

A massa era homogenea em cada camada concentrica, sob o ponto de vista da densidade; era, porem, heterogenea quanto á composição chimica e ao poder radiante das differentes rochas.

A solidificação mais rapida de algumas partes, por exemplo, a formação da cordilheira dos Andes e das Montanhas Rochosas, assim como a das costas occidentaes do antigo continente, pode explicar-se por uma solidificação do liquido que se escapava para as regiões equatoriaes.

A contracção, que se effectuava de uma maneira desigual durante o esfriamento, explica a formação de certas cavidades onde o liquido chegava produzindo o recorte das costas.

Pouco tempo depois, a terra, completamente solidificada, havia esfriado bastante para que fosse possivel a vida sobre ella. O azoto, o acido carbonico e o vapor d'agua se tinham escapado do liquido, como se observa hoje analysando os gazes encerrados nas pequenas cavidades das rochas basalticas.

A principio, não havia oxygenio na atmosphera terrestre; mas o nascimento e o desenvolvimento dos vegetaes productores de oxygenio logo tornaram possivel a vida.

Como nasceram os primeiros seres vivos?

Isso é que a sciencia não se atreve a dizer.

...*Alta novidade para embellezar o bello sexo*...

Com a touca onduladora "FADA", que se vê na gravura acima, obtem-se a mais perfeita ondulação, em menos de 15 minutos. E' um apparelho maravilhoso, de applicação facil e commoda. Indispensavel no toucador da mulher "chic". Mediante a remessa de 20$ em Vale Postal ou Carta com Valor, manda-se esta touca para o interior. Pedidos a F. Schmitz, Rua Gen. Camara 113, sob. sala 4, Tel. 3-4075 Rio de Janeiro. Acceitam-se revendedores, tambem para outras novidades, mediante condições especiaes. Recorte e guarde este annuncio.

VIDA DOS CAMPOS

(Collaboração do Departamento de Publicidade da SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA — especial para o «FON-FON»)

O COURO

1. — Morto o animal, extrae-se o couro com todo o cuidado possivel, afim de evitar cortál-o.

2º — Uma vez tirado, descarna-se e lava-se muito bem.

3. — Depois de bem limpo, submerge-se o couro em salmoura a 24 gráos Beaumé (mais ou menos 250 grms. de sal por litro de agua), na qual se deixa durante 24 horas.

4. — Passadas as 24 horas, retiram-se os couros dessa solução e deixa-se escorrer o liquido, para depois empilhál-os. Antes de collocar o primeiro couro,, forra-se o chão com uma camada de sal grosso e procede-se á collocação dos couros, cuidando-se que a parte do pello fique para baixo. Entre um couro e outro colloca-se tambem abundante quantidade de sal, conforme o tamanho do couro.

5. — Passados 22 ou 23 dias, os couros estão curtidos e promptos para a venda. Preparados nessas condições, póde-se, então, esperar a melhor opportunidade para vendêl-os.

* * *

AS ARVORES

Faze o possivel para persuadir teus vizinhos e amigos dos beneficios que nos prestam as arvores e dize-lhes que toda pessôa deve plantar ao menos uma arvore no caminho de sua vida.

Infunde em teus amigos o amor e o respeito pelas arvores, guia-os para que elles as cuidem sem cansar-se, as defendam sem vacillar e promovam a festa da arvore.

Jamais te conformes com a simples crença, propaganda e conselho. Semeia a idéa em ti mesmo e na mente dos outros e sobretudo muitas arvores em tuas terras ou nas de teus amigos e vizinhos.

Creolina, emulsão de petroleo, sulfureto de carbono, sulfato de cobre, alcatrão, serrote, thesoura de podar, enxertador, etc., são os elementos que deve ter em mão um bom arboricultor.

Limpa as arvores dos insectos destruidores e dos vegetaes parasitas, não esqueças que para acabar com os primeiros tens magnificos auxiliares nos passaros.

Leva tua influencia até os destruidores de arvores e ainda aos indifferentes, procurando que, illuminados pela razão e induzidos pelo bom conselho, as protejam e incrementem.

Manifesta a todo o instante teu enthusiasmo e fé pelos resultados positivos de toda plantação arbórea. Tem como certo que não convencerás aos outros si não estás tu mesmo convencido. M. U. Reátegui.

* * *

PARA MELHORAR A CULTURA DO ARROZ

Na cultura do arroz, um dos factores que mais deprimem o preço do producto (o que é bem aproveitado pelo commercio para desvalorizar o producto, mais do que o deveria ser), é o "arroz vermelho".

Esse arroz, quer seja o producto de mutações entre nós produzidas, quer seja introduzido por uma das variedades vermelhas existentes, apparece em certos logares, se propaga e, ás vezes, quasi que se eterniza nas culturas. As causas de seu progresso são: a colheita descuidada, os cruzamentos e o mau preparo do solo.

As colheitas effectuadas sem cuidado, sem a separação das melhores sementes, conduz forçosamente á propagação da variedade prejudicial. Os cruzamentos, dando productos ora manifestando seus caracteres, ora encobrindo-os, são causa que exige mais trabalhos para a exterminação da praga. E dizemos praga, porque elle assim é considerado pelo comprador. O mau trato do solo influe, porque nos logares

em que é costume empregar-se uma só lavra por anno nos terrenos, o arroz vermelho tem mais probabilidade de se guardar no solo, para infestar a cultura vindoura.

Os meios de combater esse inimigo são: primeiro, a selecção empirica e depois trabalhar melhor o solo.

Quanto á selecção pratica para o caso: antes de se iniciar a colheita geral, faça-se um homem intelligente e attencioso percorrer toda a cultura, escolhendo e cortando as paniculas melhores as mais bonitas, mais pesadas, de grãos caracterizando bem a variedade preferida. Seja o "Dourado", seja o "Jaguary" bem caracterizado por sua côr, ou seja qualquer outro, o operario designado para esse trabalho deve desprezar todas as paniculas cuja côr fôr duvidosa ou differente da de variedade em questão.

O arroz vermelho tem exteriormente uma côr enferrujada, pardacenta, feia, e depois de descascado é vermelho e de grãos menores e mais achatados que os das principaes variedades.

Assim colhidas as melhores paniculas (ou cachos, como lhe chamam os praticos) com uma parte do colmo, e em quantidade proporcional á aréa que pretendemos cultivar no proximo anno, são as mesmas espalhada sobre o assoalho de um deposito qualquer, comtanto que seja bem ventilado e enxuto, sem perigo portanto, de deixál-as mofar. Passados 15 ou 20 dias, são batidas, com mais delicadeza que na batedura commum, são depois ventiladas (ou abanadas), e emfim ensaccadas e guardadas com os cuidados que todos conhecem.

Quanto ao preparo do solo, deve-se proceder a duas lavras, quer com o fim de eliminar o arroz vermelho, quer com o de fazer culturas mais perfeitas.

Colhido o arroz, deve-se desde logo tratar o solo e não abandonál-o como se pratica entre nós. Em abril ou maio, logo que o tempo o permitta, pratica-se a primeira lavra, seguida de destorroamento (pelo emprego de um desterroador de discos ou de pranchão). Essa lavra deve enterrar o melhor possivel os restos da colheita, beneficiando assim o solo e destruindo os restolhos que "podem conservar e até augmentar a variedade indesejavel".

Abandonado o solo durante os mezes de inverno e de secca (de maio a setembro), elle vae sendo beneficiado pelos agentes atmosphericos, até a época do preparo definitivo, isto é, setembro para os logares de baixadas e outubro para os mais altos.

Nesse momento, procede-se á segunda lavra, sempre que possivel cruzando a primeira, e completa-se o trabalho com o destorroamento.

Não se deve semear immediatamente e sim dar uns 15 ou 20 dias de prazo para que germine o arroz porventura guardado no solo, onde tambem se esconde o arroz vermelho. De outro modo: depois de praparado o solo e depois da primeira chuva bôa, deve-se esperar ainda uns dez dias. Passado esse tempo, uma gradagem energica destruirá completamente as sementes de arroz que ahi estejam germinando, como destruirá grande quantidade de hervas más.

Veremos, posteriormente, como proceder com a batatinha, o milho e a mandioca.

O sr. está interessado em alguma cultura ou criação?

Este coupon lhe dá direito a uma consulta sobre assumptos agro-pastoris. Em sua consulta esclareça bem o que deseja.

FON-FON

A' Sociedade Rural Brasileira

Rua Libero Badaró, 45

Caixa Postal, 2880 — São Paulo

Nome ....

Endereço ....

Localidade ....

A FELICIDADE

— BEM, *barman*, como vão as coisas no Casino?

O interpellado meneou lenta e tristemente a cabeça:

— Estação desastrosa, senhor. Perdas formidaveis. Os jogadores partem cheios de desalento. Enterramos hontem o decimo oitavo. A direcção do Casino começa a preoccupar-se. O balneario desacredita-se...

— Que historia é esta de decimo oitavo?

— O decimo oitavo suicida. Contei-os eu mesmo. Para ir a Morgue, todos passam pela frente do bar.

Senti-me suffocar e bebi de um sorvo o meu *cock-tail*. Si esse homem não estivesse com a sua jaqueta branca de *barman*, eu o teria tomado por um coveiro.

Entretanto, a minha impressão desappareceu por obra e graça de um pensamento magnifico...

— Diga-me, então, *barman*, quanto quer para arranjar-me na cidade um pedaço de corda de enforcado? Si você pudesse arranjar-me esse talisman...

— Impossivel, senhor. Nenhum jogador se enforca. Todos se atiram pelo terraço do Casino: quarenta metros de altura sobre os rochedos e o mar. Demasiado commodo, não lhe parece?

— Mas é horrivel! — protestei. — Essa especie de morte carece de intimidade, de soledade, de recolhimento...

— E' pratica. E, sobretudo, é tradicional no balneario. E' preciso a gente pôr-se em dia com a moda, senhor...

POR estar demasiadamente sêcca a minha bôcca, não pude dizer palavra. E ao sahir do bar, recomecei o meu passeio com passo pouco firme. Cheguei ao jardim do Casino e ao seu fatal terraço. Apoiando-me na balaustrada, dei razão ao *barman* quanto aos recursos que o logar offerecia a quem quizesse desapparecer do globo... E intimamente decidi que, no caso da fortuna não querer ouvir o meu ultimo appello, seguiria o caminho dos meus predecessores, tanto por espirito de humildade, como por respeito á tradição.

Formulava "in mente" essa atilada resolução, quando me surprehendeu uma apparição repentina. Atravessando o jardim, Evelina Jackson se dirigia para o Casino. Evelina Jackson! A unica mulher que eu amára naquella estação! A mulher encantadora que eu encontrára varios mezes atraz, a quem seguira por todas as ruas da cidade, que repellira as minhas cartas, recusára as minhas attenções e evitára os meus olhos... Avançava distraidamente, a passos lentos. Uma vez mais pude admirar a sua californiana belleza. Os seus cabellos louros escapavam do seu moderno e minusculo "casquete". Os seus olhos claros brilhavam debaixo das suas negras pestanas inverosimeis. E os seus hombros e as suas pernas desnudas davam á gente um verdadeiro calafrio de tentação, bronzeados como estavam pelo sol e ligeiramente musculosos pela pratica da gymnastica.

ARRASTADO por um impulso expontaneo, cortei-lhe o caminho, plantei-me deante della e me descobri.

— Sinto-me feliz ao saudál-a, senhora, e agradeço ao acaso que me concedeu este encontro.

— Não o attribua ao acaso — replicou, rapida, Evelina Jackson. — Aborrece-me a sua perseguição obstinada. Tanto mais que agora está a falar-me como todos os outros.

— Asseguro-lhe que o nosso encontro, hoje, é verdadeiramente fortuito. Quanto ás minhas palavras, são as primeiras, mas tambem as ultimas que me permitti dizer-lhe.

— Neste caso, posso perdoál-o. Mas, que a sua declaração seja breve.

— Não se trata de declaração de amôr, senhora; quero apenas dirigir-lhe uma censura para desafogar a minha cólera e alliviar ao mesmo tempo o meu espirito. Manifestei-lhe uma ternura como nenhuma outra mulher alcançaria na vida. Não fez a senhora o menor caso desse affecto. Repelliu as minhas cartas, emquanto as flôres perfumadas e frescas que eu mesmo escolhêra para homenageál-a, atirava-as pela janella afóra. Depois de tudo isso, póde comprehender, senhora, o meu resentimento. Agiu com crueldade...

— Antes de tudo, senhor — disse-me Evelina Jackson — quando viajo costumo esquecer o jogo do amôr. Para bem saboreál-o, preciso de estabilidade e conforto. Ademais, fosse como fosse, teria estabelecido relações sentimentaes como o senhor, homem sem fé nem lei, consagrado unicamente aos prazeres e só preoccupado em satisfazer os seus proprios caprichos.

E com essa conclusão pouco cortez, Evelina partiu. Apesar de tudo, porém, as suas palavras me satisfizeram, intimamente. Um desencanto amoroso teria que dar-me sorte á mêsa do jogo...

SEM perder um instante, entrei no Casino. Sentei-me a uma mêsa de rolêta, tirei do bolso o meu unico bilhete de mil francos e colloquei-o sobre o numero 35. O meu proposito era duplicar a partida de uma só vez e retirar-me. Desse modo, ao primeiro golpe, eu ganharia trinta e cinco vezes o valor da jogada. Ao segundo, esse ganho se multiplicaria por dois e eu estaria salvo.

ABANDONAVA-ME intimamente a esses calculos aleatorios, quando o "croupier", arrastando com odiosa e rapida habilidade o meu dinheiro, me fez comprehender que tudo terminára para mim e que eu estava condemnado a morrer. Sahi immediatamente para o jardim, não tanto pela pressa, como pela necessidade que experimentava de respirar o ar livre. A balaustrada offerecia-se ante mim, baixa e branca, insidiosamente fa-

cil de saltar. Como ali não havia ninguem, decidi-me a morrer sem demora. Retrocedi um pouco, tomei impulso e, ao primeiro salto que dei, me encontrei sentado sobre a varanda.

ESTAVA na imminencia de precipitar-me no espaço, quando senti que duas mãos vigorosas me seguravam fortemente pelos hombros. Ouvi um silvo. Outros dois homens accudiram. Arrastaram-me da balaustrada, mas, em logar de confortar-me com bôas palavras, começaram os tres a cobrir-me de insultos.

— Querias ser o numero 19, hein?

— Miseravel!

— Canalha!

E, assim dizendo, um dos meus estranhos salvadores introduziu discretamente em um dos meus bolsos um grosso de bilhetes de banco... Em seguida me disse, violentamente:

— Na minha qualidade de inspector do Casino, tenho o direito e o dever de declarar-lhe que a sua conducta é ignominiosa. Não podia ir matar-se longe daqui? Por que se propoz arruinar o Casino, a sua reputação e a sua prosperidade? Ignora, por acaso, que o suicidio dos seus dezoito dignos predecessores provocou no Congresso uma intrepellação contra nós? Quer que se feche o Casino, que é o orgulho e a riqueza de toda esta costa?... Intimo-o a abandonar immediatamente a nossa cidade! Sinão terá que arrepender-se...

— Não, inspector. Deixe, agora que elle se mate! — interveiu um dos outros dois. — Já tem dinheiro no bolso. Quando pescarem o seu cadaver, ninguem poderá dizer que foi o Casino que o arruinou...

E depois, dirigindo-se a mim:

— Vamos, pois! Atira-te lá, para baixo, estupido! Tem caracter, idiota!

Refazendo-me, emfim, do meu justo estupor, repliquei, com dignidade:

— Senhores, não me zangarei pelas suas expressões e os seus conselhos. Isto me dispensa de qualquer resposta.

Entretanto, attrahidos pelo clamor das nossas vozes, alguns jogadores tinham sahido do Casino. Os tres individuos, receiosos sem duvida de um escandalo, desappareceram, velozes. Mas já, entre os recem-chegados, circulavam os rumores de um suicidio. Nada disso, porém, me commovia. Sentia-me todo presa do prazer de apalpar meu bolso cheio de bilhetes de banco e a ineffavel sensação de renascer para a vida. Com passo desenvolto e ligeiro, dirigi-me, pois, para a sahida do jardim.

MAS, apenas alcançára a sahida, quando uma mulher correu ao meu encontro, me tomou pelo braço e, em menos tempo que o necessario para dizer uma palavra, arrastou-me e me fez entrar para uma "limousine" que estava junto ao portão. Immensa foi a minha surpreza quando, dentro do carro illuminado, reconheci Evelina Jackson. Olhou-me com olhos cheios de doçura:

— Quiz realmente matar-se? — interpellou-me, ansiosa. — Que louco!... Ama-me até esse ponto? Por que não se explicou melhor, quando nos encontrámos?...

E com taes palavras, me estreitou entre os braços e me suffocou sob os seus beijos. Sentia-me incapaz de me mover, de falar...

E o carro partiu, levando-me, emfim, para a felicidade...

ROBERT ARMAND

As creanças quando brincam estão trabalhando em bem do futuro, fazendo-se, pelo exercicio dos musculos e da intelligencia, a gente forte de amanhã. Deixae que as creanças brinquem! Pouco importa que as suas roupas se sujem: lavam-se tornam-se a lavar e, se forem feitas de fazendas tintas com corantes
INDANTHREN,
não desbotam, por mais que sejam lavadas.
INDANTHREN,
é a marca das anilinas de côres solidas, de resistencia insuperada ao sol, á chuva e ás repetidas lavagens.
Procure ver, ao comprar fazendas, se ellas trazem a etiqueta registrada
INDANTHREN.
Indanthren

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 6

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 11 de Fevereiro de 1933

A AGONIA DE PIERROT

NESTA segunda sexta-feira de fevereiro — dia aziago para uns, de *chance*, para outros — quedo com a penna sobre as tiras do papel macio e alvo, que tenho deante de mim, sem bem saber como rabiscar esta chronica.

O assumpto?... A tortura do assumpto?... Não, porque a vida que passa, com a sua apparente monotonia quotidiana, é e será sempre um farto manancial de assumptos de toda natureza. Porque a vida que passa terá sempre um sorriso illuminado ou uma lagrima furtiva para nos commover o coração e enternecer a alma, — offertando-nos, generosamente, na eucharistia da sua alegria ou da sua dôr, o pão espiritual de cada dia...

E todo pão do espirito, mesmo o mais negro e amassado no proprio soffrimento, é um mixto de caricia e de tortura, de illusão e de desencanto... Porque é e sempre foi assim o pão quotidiano da vida...

Escalda esta sexta-feira do mez das alegrias... mascaradas, consagradas a Momo, e em que todos os mortaes têem o suave direito de prestar seu tributo á loucura.

Capacito-me deste *permis de folie*, annualmente concedido á pobre humanidade, para, numa gostosa antecipação, exhibir em publico um pouco deste carnaval de uso interno com que todos, diariamente, mascaramos a nossa vida interior...

Mas, falar de mim proprio, quando é bem melhor falar do proximo, dos que em si mesmos vivem a representar a comedia ou a tragi-comedia de todas as vidas, parece-me rematada bobagem.

Pego dos jornaes da manhã. Folheio-os. Passo-lhes pelo noticiario um *coup d'oeil psychologique*, como diria o torturado e sombrio philosopho do *Zarathustra*.

E achei o meu homem! O meu assumpto de carnaval. O homem mascarado, como eu, como todos nós; porque não ha uma alma neste mundo de meu Deus que não tenha afivellado á physionomia impassivel, sorridente ou velada de tristeza, tantas mascaras quantas exijam as suas attitudes em face da vida e da humanidade.

Um pequeno annuncio, poucas linhas perdidas num dos nossos diarios... Um Arlequim, audacioso, insolente como todos os Arlequins, a tentar, maneiroso e com bôas "falas", uma Colombina bonita e dinheiruda, para as delicias de um *ménage* positivamente carnavalesco...

Senhor distincto, engenheiro (27 annos), independente, deseja conhecer uma moça bem educada, bonita e com recursos. Fim matrimonial. Cartas para L. M., neste jornal.

E ainda dizem que a vida é má! A vida que nos offerece, a todo momento, *sketches* deliciosamente *gozados* como o que anima esse expressivo recorte de jornal!...

Não sei porque, porém, repentinamente, bruscamente, entristeço. Foge-me dos labios o sorriso brincalhão, brejeiro, tilintante como os guizos festivos de Momo.

E em minha alma, em minha pobre alma de sentimental chora uma canção de amôr.

— Você me conhece? pergunta-me alguem, dentro de mim, pisando macio o palco silencioso de meu coração.

— Hein? Ah! Se conheço! Pierrot, meu velho Pierrot!

— Commove-o, ainda assim, a minha presença?

— Por que não, se é você, Pierrot, o cavalleiro andante de todo sonho de amôr, de toda illusão que ainda floresce na terra?

— Eu? Eu, o impenitente e eterno apaixonado, o amoroso romantico e alambicado, cuja voz já não cala no coração das mulheres!... "Arlequim! Arlequim, este, sim, é, hoje, o homem do dia... Roxane, já não escuta, enlevada e feliz, as canções de amôr que, outróra, eu cantava sob o seu balcão em flôr!"

— Se escuta! Como você se engana, Pierrot, meu pobre Pierot!

— Obrigado, amigo, muito obrigado pelas suas palavras generosas e confortadoras. Mas, o amôr...

— O amôr?...

— Já não é amado...

Um soluço, o arfar angustioso de um peito palpitante de dôr, e Pierrot se foi, deixando-me só com a minha tristeza...

Será que, já este anno, Pierrot não mais encherá de canções de amôr o carnaval carioca?...

ELCIAS LOPES

Retribuindo a batalha de confetti que o America Football Club lhe offereceu na penultima quinta-feira, o Fluminense F. C. homenageou o campeão do Centenario com uma rutilante festa carnavalesca realizada domingo á noite, no salão do Gymnasio.

DA GRATIDÃO

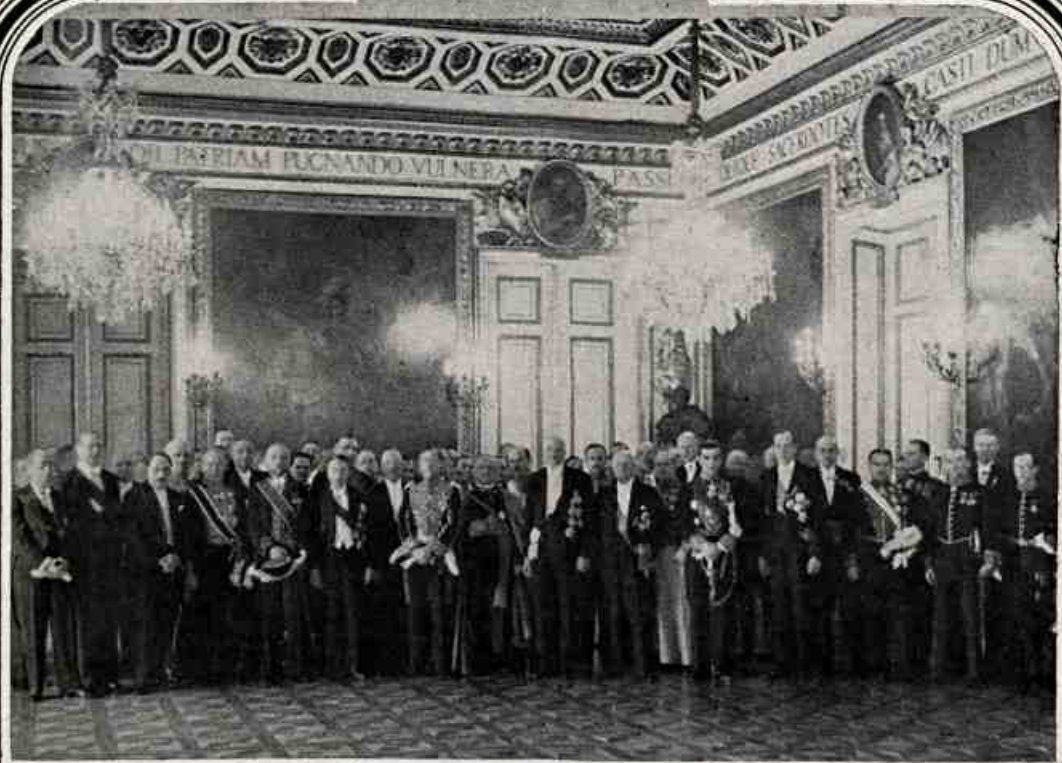
A gratidão é um sentimento tão anormal, que as pessôas de bôa indole, ao praticar o bem, nem mais se lembram della.

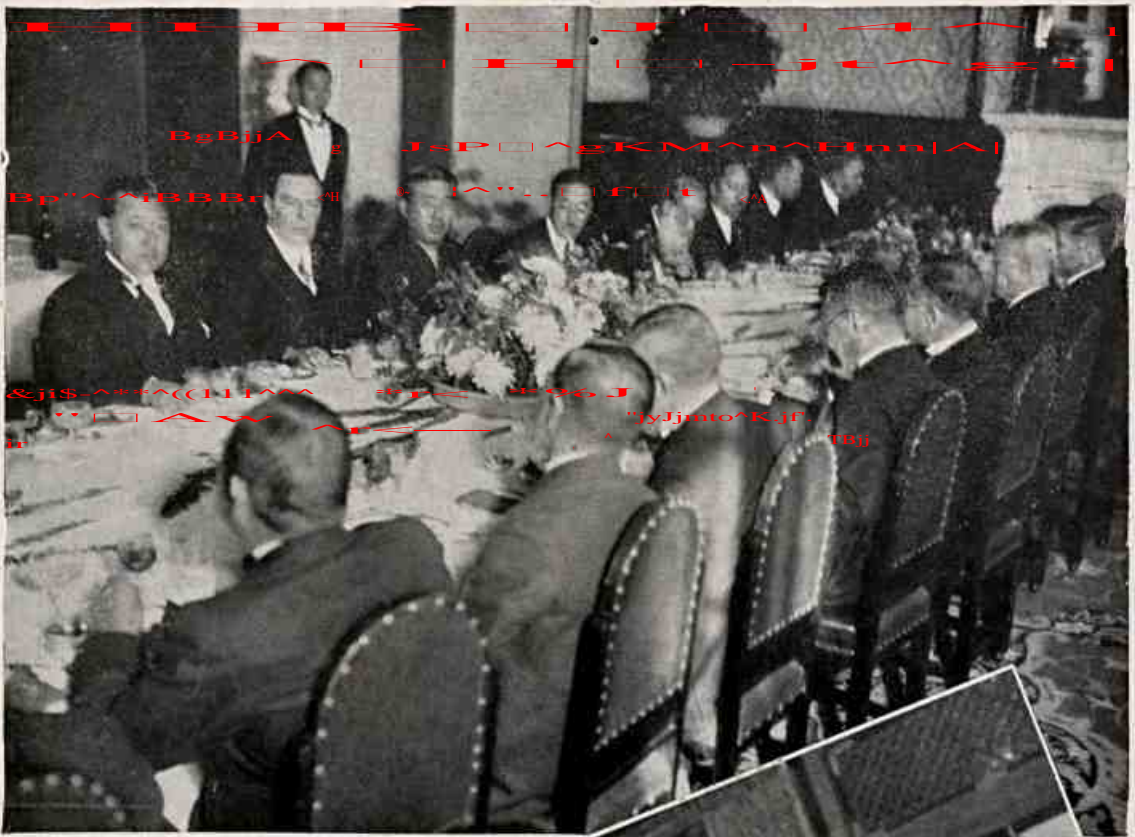
Existem palavras que, de ha muito, deveriam ter sido proscriptas dos glossarios, porque a significação dellas, — salvo para uma minoria tradicionalista, — quasi perdeu a significação pratica.

A gratidão poderá vir, mas quem esnalhou beneficios não a espere nunca. Em compensação, recebem-se outros tantos de quem se não conheço, ou de quem se julgava impossivel partir o mais simples obsequio.

Uma série de posturas imprevistas fórma a gratidão.

ALEXANDRE PASSOS

O programma carnavalesco do Atlantico Club foi brilhantemente iniciado no ultimo domingo com o baile á fantasia organizado sob os auspicios da «Embaixada da Praia», e que resultou numa festa cheia de intensa animação.

«FON - FON» NA POLONIA

Flagrantes da recepção que o presidente da Republica da Polonia, prof. Ignacy, Moscicki, offereceu ao corpo diplomatico, no dia de Anno Bom, no antigo palacio real de Varsovia, para commemorar a data da confraternização dos povos. Na primeira photographia vê-se o presidente Moscicki ladeado pelo presidente do Conselho, pelo ministro e vice-ministro das Relações Exteriores, membros do corpo diplomatico, entre os quaes se encontra o ministro plenipotenciario do Brasil, dr. Barros Pimentel, e membros da casa civil e militar. A outra é um aspecto tomado quando falava, em nome dos diplomatas presentes, o nuncio apostolico, monsenhor Marmaggi.

A Sociedade Central Japão-Brasil, organizada para estreitar as relações de amizade entre os dois paizes, promoveu, no dia 29 de novembro de 1932, um banquete commemorativo da sua fundação. No agape tomaram parte, além de outras pessôas gradas, os principaes membros da Sociedade: marquez Yorisada Tokugawa, vice-presidente; embaixador do Brasil, dr. Sylvio Gurgel do Amaral, presidente honorario; sr. Yetsujiro Uehara, membro do Parlamento; e o sr. Saburu Kurusu, director-geral do B. C. do M. do Exterior.

No dia 27 de dezembro ultimo, a Sociedade Japão-Brasil realizou uma solennidade para empossar sua alteza imperial o principe Takamatsu no logar de patrono. A ceremonia teve a presença do sr. embaixador Gurgel do Amaral, do primeiro ministro, almirante Saito; do ministro da Casa Imperial, sr. Ikki; o ministro dos Negocios Ultramarinos, sr. Nagai; o ajudante de ordens de sua majestade o imperador, general Suzuki, e outras altas personalidades. A photographia mostra o principe Takamatsu lendo uma mensagem aos membros da Sociedade. Sua alteza imperial tem ao lado s. a. a princeza (em traje japonez). A' frente, vê-se o primeiro ministro almirante Saito.

O Automovel Club do Brasil está desenvolvendo um amplo programma de festas na presente temporada. Depois do baile que alli se realizou no ultimo sabbado de janeiro, um outro, á fantasia, movimentou, no dia 4 do corrente, os salões da elegante instituição sportivo-mundana presidida pelo dr. Carlos Guinle e secretariada pelo dr. Nelson Pinto. O grupo do «cliché» foi tomado no principal salão do A. C. B., durante a ultima reunião dançante da grande sociedade.

O QUE O FILHO PENSA DO PAE...

Aos 7 annos: — Papae sabe tudo. E' um sábio!

Aos 14: — Parece-me que papae se engana algumas vezes...

Aos 21: — Papae está um pouco atrazado nas suas theorias; não é desta época...

Aos 28: — O velho não sabe nada... E' capaz até de estar caduco já...

Aos 35: — Com a minha experiencia, meu pae com esta idade devia estar millionario...

Aos 42: — Está bem, vou pedir conselho ao velho sobre este caso... Talvez me possa ajudar.

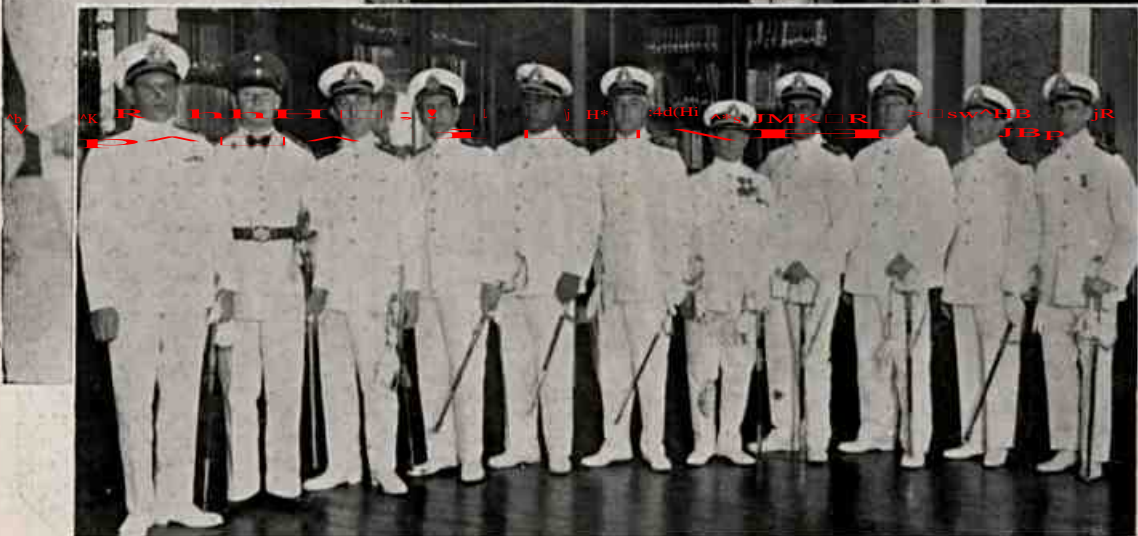
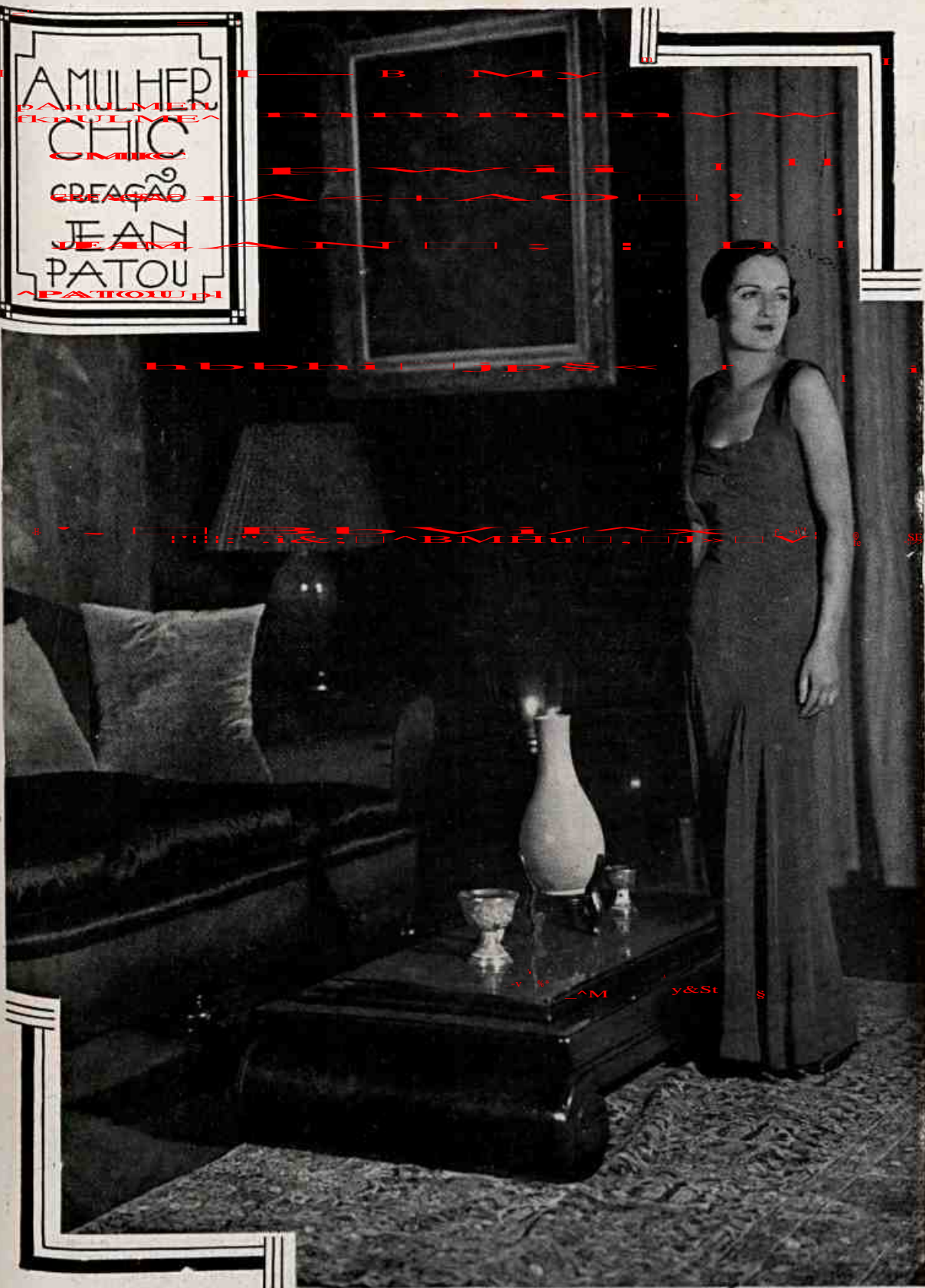
Aos 56: — E' pena que o pobre velho tenha morrido... Na verdade, tinha ás vezes bôas idéas.

Aos 60: — Pobre de meu pae! Era um sábio! Que pena só ter visto isso muito tarde!...

Um dos «blocos» que animaram a festa carnavalesca de sabbado passado, no Automovel Club do Brasil.

O DIRECTOR GERAL DA EDUCAÇÃO

ENTRE os novos valores mentaes e culturaes enquadrados na actividade politico-administrativa do paiz, após a Revolução de outubro de 1930, figura, em posição de accentuado relevo, o nome do capitão Dulcidio Cardoso. Sua passagem pelo departamento mais complexo, mais movimentado e de maiores responsabilidades da Policia Central, que era a, hoje extincta, 4ª delegacia auxiliar, foi a primeira revelação dos seus altos meritos de administrador e da sua admiravel capacidade de trabalho. Não era esse, porém, o campo de actividade que, por mais de accordo com as tendencias espirituaes do illustre patricio, melhor e mais efficientemente lhe permittiria mais ampla e positiva demonstração de sua capacidade mental e cultural. D'ahi a acertada escolha do chefe do Governo provisorio, indicando-o para o elevado posto de Director Geral da Educação, o que valeu pela mais estricta observancia do que preceitua a formula de the right man in the right place. As sympathias e os applausos com que foi acolhido esse acto do Governo dizem bem do acerto da indicação. E, á frente do novo e importante departamento technico, ora a seu cargo, o capitão Dulcidio Cardoso terá ensejo de prestar ao Brasil e á obra constructora da Revolução serviços da mais alta e expressiva relevancia.

Capitão Dulcidio Cardoso.

No edificio do Almirantado, onde funcciona a Escola Naval de Guerra, realizou-se quinta-feira da semana passada a cerimonia da entrega de diplomas aos officiaes-alumnos que acabam de concluir os cursos superior e de commando naquelle estabelecimento. A convite do ministro da Marinha, presidiu á solennidade o ministro da Guerra, general Espirito Santo Cardoso, que se sentou á mesa ladeado pelos almirantes Protogenes Guimarães, Hugo de Roure Mariz, chefe do estado-maior da Armada; Amphiloquio Reis, director, interino, do Ensino Naval, e Gitahy de Alencastro, director do pessoal da Armada; capitão de fragata Americo Pimentel, representante do chefe do governo provisorio, e general Christovão Barcellos, director da Escola do Estado Maior do Exercito.

Robe du soir en velours paysan rouge.

(Photo especial para FON - FON).

FLIRTAÇÕES

A escriptora Maria M. de Bruzon, cujo livro de chronicas e impressões de viagem, «A Allemanha deslumbrante», recentemente apparecido, está alcançando expressivo successo.

Os grandes acontecimentos carnavalescos, proximos, estão causando grandes aborrecimentos ao elegante casal. *Madame* está louca para tomar desde logo os logares respectivos, isto é, para alugar as mesinhas do Municipal e dos hoteis. O marido, entretanto, não move uma palha no sentido de satisfazer á vontade da cara metade. Não é a falta de dinheiro que está retardando o movimento do illustre cavalheiro, pois, apesar da crise aguda, elle tem cavado ultimamente magnificos *negocios*. Deve ser qualquer outro motivo occulto, difficil de ser decifrado... Talvez o médo de transtornar uma situação amavel em face de uma deliciosa morena, creatura capaz de provocar desordem até mesmo na mansão celestial, tal a belleza fascinante do seu todo.

Parece que *madame* está longe de suppôr que o marido é um *pirata*...

Mas, os factos podem ser constatados, si *madame* quizer frequentar determinada casa de chá, á hora certa, onde o seu marido, diariamente quasi, apparece com a linda morena, da canção...

Não receba as desculpas esfarrapadas do grande pandego, e exija, *madame*, providencias immediatas para a tomada das mesas.

Chegue-se ao ouvido do *pirata* e murmure baixinho, intencionalmente: *Ahi hein!... pensa que eu não sei?!...* Vae vêr o effeito milagroso da piada carnavalesca, em voga.

NAQUELLE fim de tarde, era estranho que a loira bonequinha de porcelana apparecesse ali, parada no meio de um quarteirão, sem se cansar do movimento e do calor que enchiam a cidade na hora lyrica do crepusculo.

De vez em quando, ella dava uns passos em direcção ás lojas Polar, olhava, com interesse, a vitrine de calçados faiscando entre as luzes e voltava ao seu posto de observação, em frente áquelle estabelecimento. E ali continuava a esperar... a esperar... alguem que não chegava...

A bonequinha de porcelana, que é um poema de graça feminina, e cujos paes austeros nós conhecemos muito bem, começava já a impacientar-se, (naturalmente, porque a hora do jantar se aproximava e Copacabana ficava longe...), quando surgiu, afinal, sahindo de um dos edificios que os seus olhos *escoravam*, um rapaz alto, moreno, bonito, sympathico e elegante, que se dirigiu logo para junto de mlle., proferindo, galantemente, duas palavras de desculpa...

A linda carioca sorriu, desculpando, e sahiu com elle até a esquina proxima, onde um carro fechado e luxuoso já os esperava...

Do outro lado da Avenida nós assistimos, espantados, á scena banal, que temos visto representada, no theatro da vida, por muitas bonequinhas de porcelana que os poetas têm o desplante de comparar ás santas do céo...

FICOU resolvido no ultimo domingo, ali sobre as areias fulvas de Copacabana, que o *grupo* deve comparecer ao Carnaval, com armas e bagagens.

Só um capitulo não ficou positivamente assentado: o que diz respeito ás fantasias. As mulheres são de opinião que os maridos podem tomar rumo, nos dias consagrados a Momo, que o caso não tem a menor importancia...

As esposas, pois no grupo todas são casadas, firmaram um pacto absolutamente original, no sentido de poupar o aborrecimento dos maridos. Ellas irão só, talvez fantasiadas de maneira differente, para difficultar o reconhecimento das amigas bisbilhoteiras.

O itinerario já está feito, e o programma é de primeira ordem... Programma *futurista*, porque as surprezas decorrentes do apparecimento inesperado de um dos maridos das damas estão affastadas, em virtude das providencias estudadas com as cautelas que o caso exige. Mas... nós estamos habilitados a levantar a pontinha do mysterio, si não conseguirmos um lugarsinho no grupo...

Já temos o nosso plano feito, tambem, e não ha de ser nada... Vamos entrar no cordão das endiabradas da praia de Copacabana...

Quatro lindos sorrisos vivos, de creança, e um bello sorriso, morto, de boneca... A boneca é filha da Fantasia. As creanças são Zelinha, Noemia, Diva e Newton, filhos do dr. Diogo Cavalcanti de Albuquerque, residente nesta Capital.

MOMO já se annuncia á cidade com o rythmo das suas canções picarescas e a cadencia dos seus sambas saltitantes. E' o carnaval, senhores, que está ás portas. Breve toda a nossa "urbs" será um pandemonio indescriptivel, no qual predominarão as côres fortes e berrantes da alegria. As foliãs que se preparam para os festejos ruidosos, ensurdecedores, têm, aqui, nesta pagina de silhuetas carnavalescas, os mais lindos modelos para as suas fantasias de luxo. Mas qual dellas escolher? Não é facil... Emtanto, aquelle da chineza com tamancos está "uma bôa bola"...

COPO-CORAÇÃO

Dou-te este copo de crystal vermelho
que eximio artista fabricou, e conto
que nelle vejas, como num espelho,
de minha dôr a historia, ponto a ponto.

Elle é meu coração, tristonho e velho,
que em rocha se tornou, e agora, prompto,
encho-o da agua mais pura, dobro o joelho
e a tuas dóces mãos logo o remonto.

Quando a saudade te atormenta e quando
a dôr teu peito destroçar, essa agua
pura te acalmará, o mal curando.

E' que, no vidro rubro, bebes, langue,
— vinho santificado pela magoa, —
não agua pura, mas meu proprio sangue.

SUPPLICA

Não partas, que ao partires levarias
toda esta vida, que te consagrei,
e vazia de sonhos e alegrias
sem ti ella ficava, bem o sei.

Fica, eu te peço. As minhas mãos tão frias
supplicante as levanto, e beijarei
teus pés, entre humildades e agonias.
Pisa-me o orgulho, que já foi de rei!

Crê-me, querida, pois eu nunca minto:
a tremer de pavôr e com ternura,
não me envergonho de curvar-me a ti.

E' que, si foges para longe, sinto
que me mata a saudade e me tortura
com dôr terrivel como nunca vi.

SILVIO JULIO

Um bilhete enfeitado de «confetti»

LINDA amiga — Eu gosto de você, porque você é fragil e de um moreno bonito de andaluza.

Haverá nas suas veias o sangue vermelho e escaldante de Castella?

Eu sei apenas que você é bonita. E tem uns modos vagos que me impressionam, cada dia que passa...

Acaso ainda o não percebeu?

Ora, você me dá a impressão romantica das virgens da Renascença, ora, é um typo fino de ballada, com ares medievalescos, de castellã sonhadora... Ora, me surprehende pela graça vadia de uma Mimi Pinson, "qui n'a qu'une robe au monde", ora é um simples "chaperon rouge", prestes a cair nas garras de uma féra.

Você é, portanto, uma creaturinha complexa. A's vezes, com o seu sorriso maldoso de Gioconda seculo XX, ou com a volubilidade de uma Carmen — a de Bizet — você tanto pode ser uma heroina de Bataille como a musa singela de um poema triste de Franci Jammes...

J'aime dans les temp
[Clara d'Ellebeuse
l'écolière des ancien
[pensionats..

Mas, não sei porque hontem você me fez pensar na bella Colombina. Não pelo seu vestido vaporoso, que fazia do seu todo esguio uma rosa-pallida e espinhenta... Não pela sua bocca appetitosa, vermelha como um desejo de sangue e provocante como um punhal que se esgrime... Mas, pelo jogo perverso que você sabe pôr nos seus olhos risonhos, que dizem coisas bellas e contraditorias, como a confissão de uma mulher mentirosa.

E já que falei em Colombina, tão perto do carnaval, diga, por favor, quem é seu Pierrot actual, e quem será o seu feliz Arlequim?

Uma Colombina bonita será, sempre, voluvel e perversa. Oscilla entre o valdivinos e o palhaço. "Entre les deux..." Entre o sonho e a realidade, ella vae e vem...

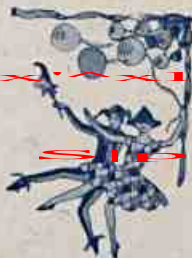
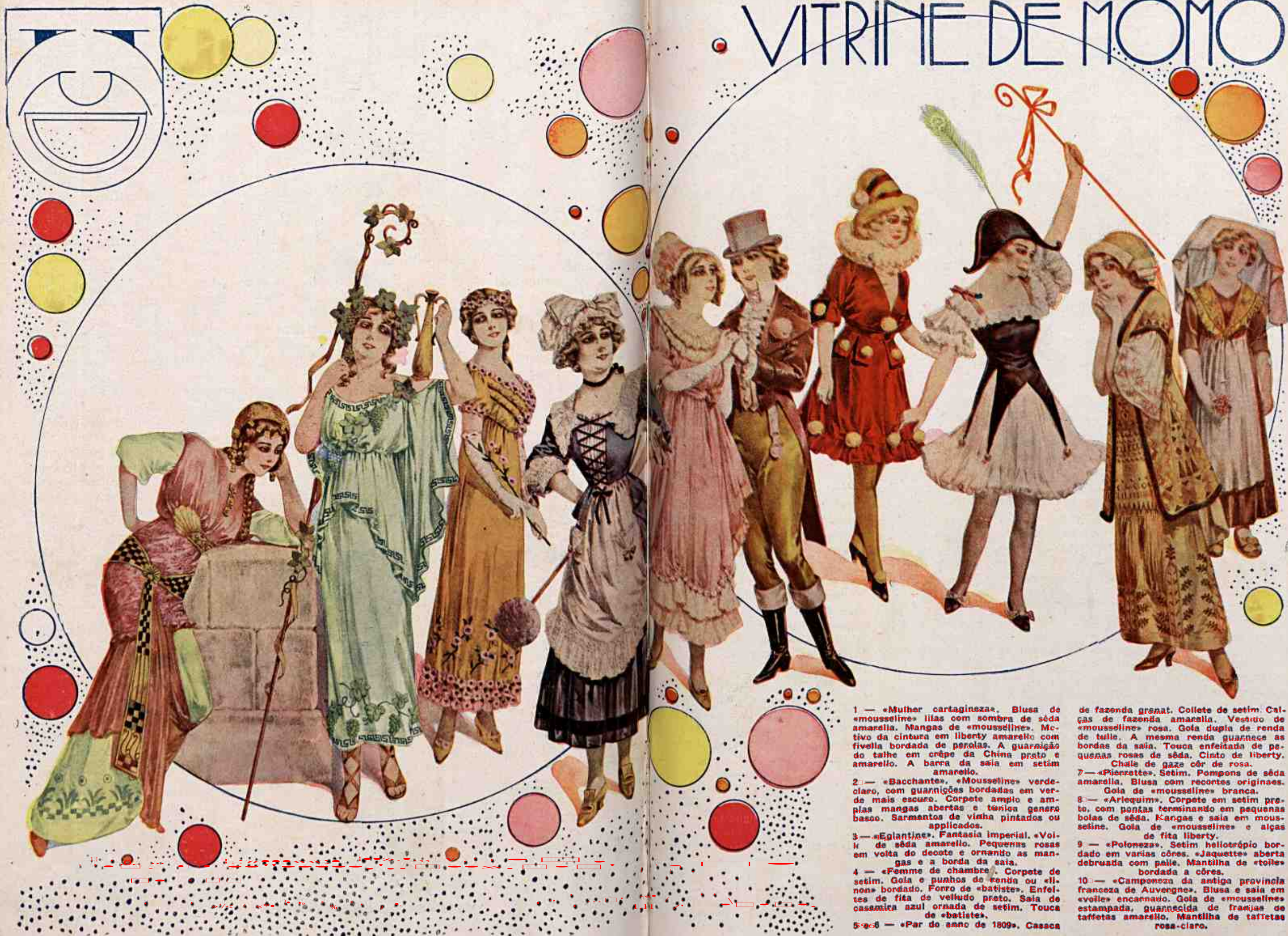
E posto que em todos nós haja um pouco daquellas personagens de lendas, é claro que eu desejaria ser para você — Arlequim. Só Arlequim...

Um Arlequim á moderna: — com automovel, bailes, beijos e champagne...

Depois... Oh, depois você poderá voltar para o seu Pierrot amoroso...

Basta que leve uma saudade minha e deixe na minha bocca o gosto bom e o perfume da sua... — *Arlequim.*

YVES

Dois «travestis» das «Mil e uma noites»... O do «principe arabe» é feito em sêda estampada das côres da gravura. Manto verde. «Coiffure» original. O outro — «Shéhérézade» — é de sêda estampada e gaze metállica. Os gostos orientaes têm aqui dois lindos modelos.

VITRINE DE MOMO

1 — «Mulher cartagineza». Blusa de «mousseline» lilás com sombra de sêda amarella. Mangas de «mousseline». Mo-tivo da cintura em liberty amarello com fivella bordada de perolas. A guarnição do talhe em crêpe da China preto e amarello. A barra da saia em setim amarello.

2 — «Bacchante». «Mousseline» verde-claro, com guarnições bordadas em verde mais escuro. Corpete amplo e amplas mangas abertas e túnica genero basco. Sarmentos de vinha pintados ou applicados.

3 — «Eglantine». Fantasia imperial. «Voi-le» de sêda amarello. Pequenas rosas em volta do decote e ornando as mangas e a borda da saia.

4 — «Femme de chambre». Corpete de setim. Gola e punhos de renda ou «linon» bordado. Forro de «batiste». Enfeites de fita de velludo preto. Saia de casemira azul ornada de setim. Touca de «batiste».

5 e 6 — «Par do anno de 1809». Casaca de fazenda grenat. Collete de setim. Calças de fazenda amarella. Vestido de «mousseline» rosa. Gola dupla de renda de tulle. A mesma renda guarnece as bordas da saia. Touca enfeitada de pequenas rosas de sêda. Cinto de liberty. Chalé de gaze côr de rosa.

7 — «Pierrette». Setim. Pompons de sêda amarella. Blusa com recortes originaes. Gola de «mousseline» branca.

8 — «Arlequim». Corpete em setim preto, com pontas terminando em pequenas bolas de sêda. Mangas e saia em mousseline. Gola de «mousseline» e alças de fita liberty.

9 — «Poloneza». Setim heliotrópio bordado em varias côres. «Jaquette» aberta debruada com pelle. Mantilha de «toile» bordada a côres.

10 — «Camponeza da antiga provincia franceza de Auvergne». Blusa e saia em «voile» encarnado. Gola de «mousseline» estampada, guarnecida de franjas de taffetas amarello. Mantilha de taffetas rosa-claro.

SOLIDÃO

RAUL LELLIS

EU adorava a solidão dos campos! A' hora quieta do sol-pôr, quando as coisas e as criaturas se recolhem em muda concentração, quando parece que tudo se curva dominado pelo mêdo da noite que vem proxima, a extensão verde das campinas silenciosas segredava á minha alma coisas nunca ouvidas!

A sombra que anda rastejando pela terra, que faz fria a relva verde e que contrasta com o ouro desmaiado dos cabeços das serras que o sol fugitivo doira ainda, desdobrava aos meus olhos um scenario imprevisto e melancolico, scenario de saudade e de tristeza. Então, parecia aos meus ouvidos que o trillar dos grillos formava um poema incomprehensivel, ao qual os pyrilampos viriam, dentro em pouco, accrescentar as reticencias vivas do seu luz-e-luzir assustadiço...

Eu adorava a solidão das florestas!

A' hora palpitante do meio dia, quando o sol dardeja sobre a terra e quando tudo parece que se deixa dominar por uma estranha e sensual lassidão, fazia bem á minha alma passear por entre os troncos velhos das arvores possantes. A luz, coando-se por entre a ramaria, traça no chão estranhos arabescos, figuras exóticas, fórmas e desenhos que dançam e variam com o agitar das folhas. O vento, sacudindo as copas, casa notas de uma harmonia que os ouvidos humanos não gravam, e as cigarras, na sua alegria ruidosa, trocam a vida pela felicidade de entoar uma canção que é sempre a mesma e é sempre nova.

E eu pensava, então, que deve haver em todas as coisas uma alma, alma que desperta e se agita ao calor da seiva que fecunda a terra...

Eu adorava a solidão das praias muito brancas!

O eterno espreguiçar das ondas sobre a areia, o rugir manso ou violento da esmeralda liquida devem traduzir alguma coisa muito sublime, cuja belleza os olhos e ouvidos das criaturas não puderam profanar ainda. O mar e a areia devem ser amantes e elle, como todo amante, deixa que a sua força se quebre aos pés do idolo querido.

A' hora do sol-pôr, quando as ondas se ensanguentam e a areia toma scintillações fugitivas, eu tinha a impressão de ouvir, nas praias solitarias, murmurar de caricias e trocar de beijos. E, então, a praia me lembrava, na meia tinta em que se esbate, uma alcova verde e branca, velada pela gaze cinza do mysterio, á espera de noivos que se querem muito...

Como eu amava a solidão dos coqueiraes esguios!

Sereno, esbelto, fugindo da terra para as nuvens, caminhando altivo da lama para a perfeição, o coqueiro é bem a imagem de um solitario magestoso, de um asceta que fugisse ao contacto mão da turba impura. E as suas palmas, que se agitam lá no alto, parecem dizer um adeus penalizado aos vermes attrahidos pelo barro!

E a solidão das noites, com as estrellas a pontilhar segredos luminosos no infinito inattingivel! E a solidão da lua, vagando abandonada pelas estradas interminaveis do céo, correndo incansavel atráz de uma miragem que se esfuma sempre!...

Mas como odeio a solidão em que me vejo agora!

Como odeio a solidão de minha alma, esta solidão que me suffoca e me põe soluços na garganta e lagrimas nos olhos!

Depois que te foste, eu tenho horror ao silencio. Só, tenho a impressão de que a tua lembrança, gravada nas minhas fibras mais profundas, se desenrola em uma lenta e grossa espiral de fumo, para vir reproduzir ante os meus olhos, em todos os ambientes e em todos os scenarios, as passagens tristes desse romance mal vivido.

E eu tenho ansias de me atirar ao tumulto, de procurar o torvelinho. Mas tudo isso não desfaz a solidão que me tortura, porque ella está commigo, na minha alma que se sente orphã, no meu espirito que não tem mais, para guial-o, as fulgurações dos teus olhos e a sonoridade do teu riso...

E como posso eu voltar a procurar o abandono da natureza si tudo — o mar, a floresta, os campos, as palmeiras esguias, o colorido das flores e a quietude das noites — fala de ti, lembra alguma coisa da tua figura?

Si ao menos a alma da natureza nunca me tivesse visto ao teu lado!...

1 — «Jogo de Xadrez». Saia armada de sêda xadrez. Corpete justo. Figuras do jogo applicadas sobre sêda preta.

2 — «Indio». Calças de fazenda marron. Franjas da mesma fazenda. Blusa de «shantung» natural. Lenço com bolas vermelhas. Cinto de couro vermelho.

3 — «Bouquet». Vestido de setim branco, ornado, na frente, com applicações de grandes flôres sobrepostas em feltro de varias côres.

4 — «Chineza». Crêpe da China com motivos chinezes. Calças e guarnições tambem em crêpe da China.

5 — «Traje á 1830». Vestido de sêda estampada, com um laço de sêda preto na frente. A gola e o vestido interior em «mousseline» branca.

6 — «Joanninha» (Coccinela). Vestido em tulle negro. Azas de papelão vermelho pintado de bolas pretas.

7 — «Pierrete». Vestido em setim verde-claro. Guarnição e pompons de arminho.

8 — «Margarida». Corpete de velludo côr de ouro. Saia de sêda branca cortada em fôrma de petalas.

9 — «Garoto de rua». Calças amplas de sêda lavavel quadriculada. Cinto e gravata de sêda encarnada.

Alto-Falante

B. Fontes é um nome em evidencia nos circulos jornalisticos de S. Paulo, em cuja capital exerce sua intelligente actividade. Nomeado, recentemente, inspector federal do ensino secundario naquelle grande Estado, o conhecido jornalista tem sido muito cumprimentado por esse motivo. B. Fontes é, tambem, um poeta de delicada sensibilidade, muito embora tenha abandonado as musas para consagrar-se ao jornalismo e á advocacia.

"L'ADORÉE"

DISSESTE, um dia: "és o meu grande amor; és o amor unico e insubstituivel; és, querida, "l'Adorée!" A adorada!

— Adoram-se somente as santas e eu sou o Peccado — respondeste-me a sorrir.

— O divino peccado!... Um peccado todo benção, todo perdão... Um peccado que é a escada de Jacob que nos eleva até Deus...

— Heresia!... Sacrilegio!

— Não; amor!

— Amor?

— Sim. Amor. Porque Deus é o Amor infinito e mysterioso e todo acto de amor é um acto de fé interior...

— De fé na mulher amada?

— Na mulher amada!...

— Sim.

— Não, queridinha, não. De fé no amor, na força, no poder de eternidade do amor.

— E porque não na mulher?

— Tontinha! Porque a mulher que se quer, a mulher amada, l'adorée, como tu, é apenas, um instrumento do amor.

— Um instrumento?

— Sim. Um instrumento.

Tu, por exemplo, és sangue e vinho eucharistico. E tua bocca vermelha é taça sangrante de volupia a acolher a prece votiva do meu beijo quente numa continua glorificação do amor mysterioso e eterno...

O coronel Augusto Manoel de Aguiar Filho é um dos mais queridos e distinctos officiaes do nosso Exercito e um amigo dedicado da sua classe, a que vem prestando, no Corpo de Saúde, preciosos e incansaveis serviços. Nomeado, ha mais de um anno, para o cargo de director do Laboratorio Chimico Militar, esse illustre official tem sabido, com rara intelligencia, elevar o nome do estabelecimento, transformando-o em uma casa de disciplina, trabalho e aperfeiçoamento, e estreitando, de maneira efficiente, os laços de camaradagem que prendem, entre si, os numerosos officiaes e funccionarios civis que alli trabalham. Por tudo isso, será prestada, por estes dias, áquelle illustre official superior, por seus collegas, militares, e pelos funccionarios civis do estabelecimento, expressiva manifestação de apreço, cuja data coincidirá com a do anniversario do Laboratorio, de que é exemplar e dedicado chefe.

— Sim. Talvez tenhas razão. Beija-me! Canta na minha bocca uma canção de amor! Diffunde em toda minha alma a prece votiva da tua fé na eternidade do amor-infinito.

MENTIRA

— Não acredito no teu amor...

— Por que?

— Porque o amor dos homens foi sempre uma mentira.

— E o das mulheres?

— Sinceridade, dedicação, amor de verdade, capaz de todos os sacrificios...

— E porque não me amas, assim, a mim que tambem te amo com toda minha alma e todo meu coração?

— Se pudesse crer!... Se fosse verdade?...

— Juro-te, querida! Juro por estes olhitos negros illuminados de céo e que, no emtanto, até agora só tortura de inferno me teem infligido...

— Soffres?

(Conclúe na pag. 36)

Gastão Pereira da Silva acaba de publicar um novo livro — «Lenine e a psycho-analyse». O illustre autor de «Para comprehender Freud», «A mulher na Russia» e outras obras que muito lhe recommendam o espirito e a cultura, neste seu novo trabalho não se limita a apreciar «á vol d'oiseau» como é commum na vasta bibliographia existente sobre o regimen sovietico — o actual estado socio-politico da Russia. Remontando ao passado, ahi investiga e estuda as causas que mais directamente contribuiram para a victoria das idéas revolucionarias de que resultaram a implantação e a pratica da actual politica sovietico-socialista. Lenine é grande figura central, expressão e symbolo da mentalidade da Russia nova, em torno de quem gyra este novo estudo sociologico de Gastão Pereira da Silva.

DE «PAPAE NOEL» A «VOVÔ ÍNDIO»

A iniciativa do illustre escriptor Christovam de Camargo promovendo a substituição do civilizado «Papae Noel» por um symbolo nativista que devia chamar-se «Vovô Indio» teve a sua phase final com o julgamento do concurso nobre sentido organizado pelo autor de «O estranho caso de Pelino Mendes», e ao qual concorreram vários pintores e esculptores de prestigio firmado em nossos círculos de arte. A cerimonia realizou-se na semana passada, na séde da Associação dos Artistas Brasileiros, no Palace Hotel, com a presença do escriptor Christovam de Camargo e do dr. Celso Kelly, presidente da A. A. B., que se vêem no grupo, em companhia de alguns artistas que tambem assistiram á solennidade. Os tres premios do certamen foram conferidos aos pintores Euclydes Fonseca, prof. Henrique Cavalleiro e Humberto Nabuco dos Santos. Apresenta o nosso «cliché» os trabalhos premiados em primeiro e em terceiro logares.

ALTO FALANTE

(*Conclusão*)

— *Se soffro! Se ... não soffrido! E tu sem quereres comprehender-me, sempre a dizer-me que não acreditas no meu amor!*

— *Escuta: amo-te, tambem. Mas...*

— *Mas?...*

— *Sou noiva...*

— *Noiva!*

— *Mentira!... Queria experimentar-te.*

— *Queridinha! Meu amor!*

— *Tu, sim; tu é que és o meu amor, todo o meu amor, o meu unico amor...*

MAX LINDER

O dr. Romeu Nogueira da Gama, que pertence á ultima turma da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, fez, ali, um curso digno da sua brilhante intelligencia. Foi interno da Enfermaria do professor Rocha Faria e da Pró-Matre. O dr. Romeu Nogueira da Gama, depois de collar gráo, seguiu, em gozo de férias, para a cidade de Guarany, Minas, sua terra natal, onde ainda se encontra neste momento.

O dr. Jorge Abreu, que reúne aos seus meritos de educador um brilhante espirito de intellectual votado ao estudo meticuloso da nossa historia, acaba de ser eleito membro do Instituto Historico de Ouro Preto, fundado em 29 de agosto de 1931, e do qual fazem parte os nomes em maior evidencia nos circulos culturaes do paiz. Director do Collegio Icarahy, membro da Academia Fluminense de Letras, presidente do Club Central, o dr. Jorge Abreu é uma figura de grande prestigio nos meios literarios e sociaes de Nictheroy, onde o illustre autor da «Historia da Literatura Nacional» tem recebido, pela sua honrosa eleição, expressivas homenagens de sympathia e apreço, tributadas não só ao historiador e homem de letras, mas, tambem, ao perfeito «gentleman» que elle é.

Dr. Francisco Alves da Cunha Horta, diplomado, em 1932, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Depois de um curso brilhante, o joven medico ingressou na sua nobre profissão apto a vencer e a tornar-se, em breve, uma figura de destaque em sua classe, por isso que, além de intelligente e culto, é muito dedicado ao trabalho, aperfeiçoando-se cada dia, no louvavel proposito de ser util a si mesmo e aos seus semelhantes.

Os bachareis em sciencias e letras da turma de 1932 do Externato do Collegio Pedro II realizaram sabbado ultimo a sua festa de formatura, que se dividiu em tres partes: missa em acção de graças, ceremonia da collação de gráo e baile. O nosso «cliché» focaliza um grupo dos novos bachareis, tomado na matriz do Engenho Velho, após a missa, que foi celebrada pelo illustre sacerdote monsenhor Mac-Dowell, vigario daquella freguezia, o qual proferiu linda oração allusiva ao acto.

Adolf Hitler, creador e chefe do fascismo allemão, depois de ser derrotado nas urnas pelo marechal Hindenburgo, no ultimo pleito presidencial, alcançou ruidosa e sensacional victoria politica organizando o actual gabinete, cuja direcção o collocou, inesperadamente, á frente dos destinos da grande nação germanica, neste delicado momento da sua vida historica. Esta pagina focaliza alguns flagrantes e atitudes do grande agitador em plena actividade partidaria, vendo-se, numa das photographias, a casa de Hitler, em Berlim, guardada pela policia, durante as eleições recentes.

SUPRÊMO TRIUMPHO

De HELENA DE IRAJÁ — (Especial para Fon-Fon)

DENTRO da repetição eterna que é a vida, verifica-se, muitas vezes, a identidade de aspirações, preenchida por quasi todos os que se dedicam ao mesmo sonho generoso de arte, ao mesmo *but* de pensamento creador.

E é como uma legitima compensação!

Exemplo — o de que trato agora, a vehemente affirmativa, em muitissimos, senão na totalidade dos poetas de defenderem integralmente o *sonho* que os anima, o velho drama de esperar a redempção do proprio ideal, estylizado em rythmos alevantados ou em prosa marmórica.

O *ficou gemendo, mas ficou sonhando*, de Cruz e Souza, condor magnifico que eu adoro, nas refulgencias do seu estro soberano, póde synthetizar a ousadia dos que pretendem e realizam a escalada do mundo, sem nunca trahir ou renunciar ao *leit-motive* que lhes é corôa de espinhos na travessia difficil.

Manuseio livros. Encontro logo o meu Wamosy, elle que ergueu nos pampas a suavidade paradoxal dum estylo penumbrista.

Vejo-o na phrase em alto relêvo de "Via Crucis", garantindo, em altivo repto audaz, levar sobre os hombros... *a eterna Cruz pesada e negra do meu Sonho!*

Vicente de Carvalho, logo em seguida, embora reconhecendo que a illusão engana, acolhe-a como o unico bem da humanidade.

O nosso Menotti, nascido, por um absurdo geographico, na terra mais triste do Brasil, Menotti, que definiu todo o amôr carnal e ideal nesse encanto inanalysavel que é *Mascaras*, defende igualmente a integralidade do sonho, só não comprehendido e amado pelos que nunca arrancaram dos olhos a venda tupida dos preconceitos, dos hypocritas e pecunhentos *que dira-t-on?*, para sêrem sacerdotes da luz, como os verdadeiros artistas.

Passando para a arte portugueza, se me depara o mesmo assumpto lyrico ou dramatico, desmanchando-se em tênue cadeia de versos.

Que fale Virginia Victorino, *apaixonadamente*, como só ella o póde fazer...

Então nos dirá que, zombando dos que não sabem sonhar, lançando a luva aos burguezes, incapazes de entender as azas brancas do seu *surto de mulher* intelligente ella transportará tambem a doce angustia do lemma — chiméra nas suas espaduas gregas de poetisa rara.

"Dolce mal, dolce affanno, dolce peso"...

Quanta razão em Petrarca!

Ha muitos annos, quando me foi dado vêr em film "L'Empereur des Pauvres", de Champsaur na minh'alma se incrustou, forte, o desespero de um dos protagonistas, o que preferiu antes morrer a sobreviver á ruina de tudo o que idealizára...

Assim é. A menos de *conseguir*, de, acceitando o desafio que a vida impõe, a vida falsa, repleta de renuncias crueis, para os que não têm a força de lutar, completar com denodo o cyclo, não deixando a outrem a palavra final que tombar deste modo, implica a mais acrisolada victoria e não derrota ou covardia.

Ouço-os todos, todos aquelles que, quaes intrepidos paladinos modernos, intemeratos cavalleiros do Sonho divino, hão de voltar triumphantes, após a Cruzada de Belleza á qual entregaram o melhor de suas eternas aspirações.

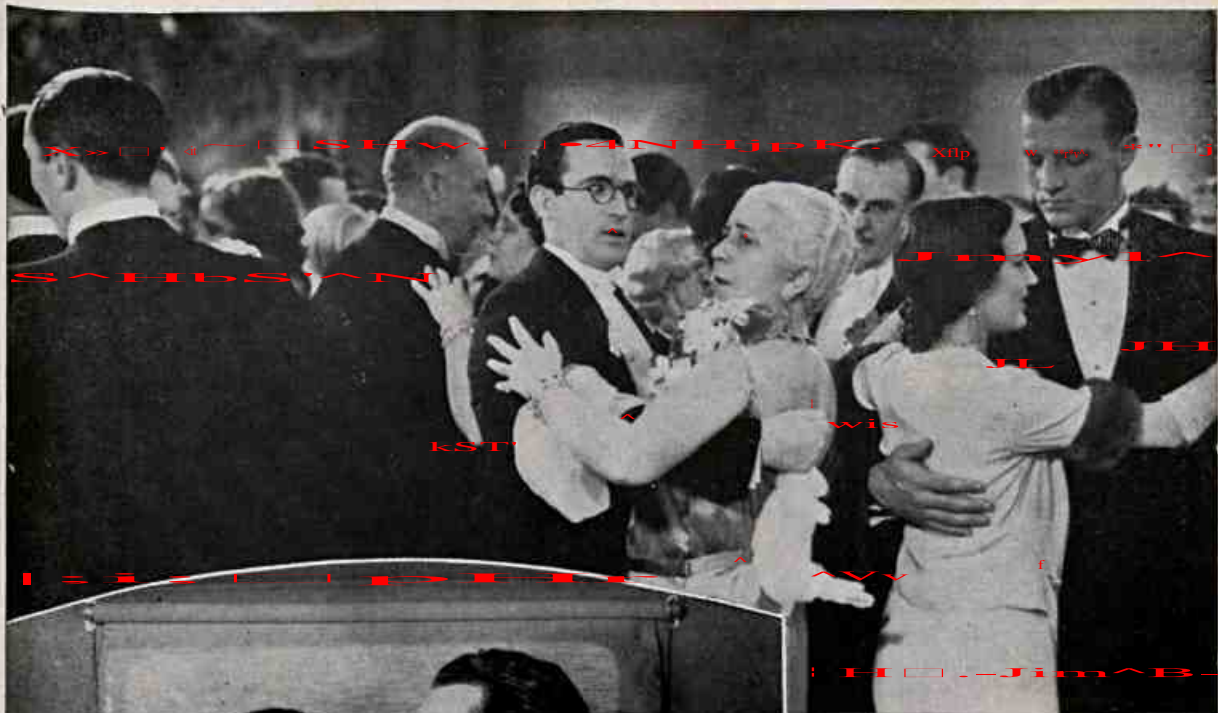
Disseminados pela terra, falando linguas diversas, mas, irmãos de ideal, companheiros na senda myrifica da realização... ah, a fortaleza de Bilac, a Terra-Santa de perfeição, esse Graal luminoso que lhes acena do outro lado, com palacios mais bellos que os de Antinéa!..., como não derrubar barreiras que impeçam a chegada? Porque não attingir a dourada sombra do Bem, tão longe, infelizmente, assim formando para elles quasi que um mundo perdido?!...

E em suas obras geme, palpitando, ethérea, a ambição raiz; que importam as difficuldades do caminho? O sonho de Arte é tão alentador como qualquer outro de amôr e de aventura, e embebidos na gloria suprema, no *supremo triumpho*, artistas e poetas hão de conseguir a magnitude de conservar o *seu* sonho, em meio aos "ribombos e metralhas", para depois alcançar a expressão pensadora do seu mestre de rima, Quental, o mysterioso, que contemplou a Belleza immortal e ficou triste...

* * *

Poeta, hystrião divino, guarda, guarda o teu thesouro na peregrinação difficil da tua vadia jornada!

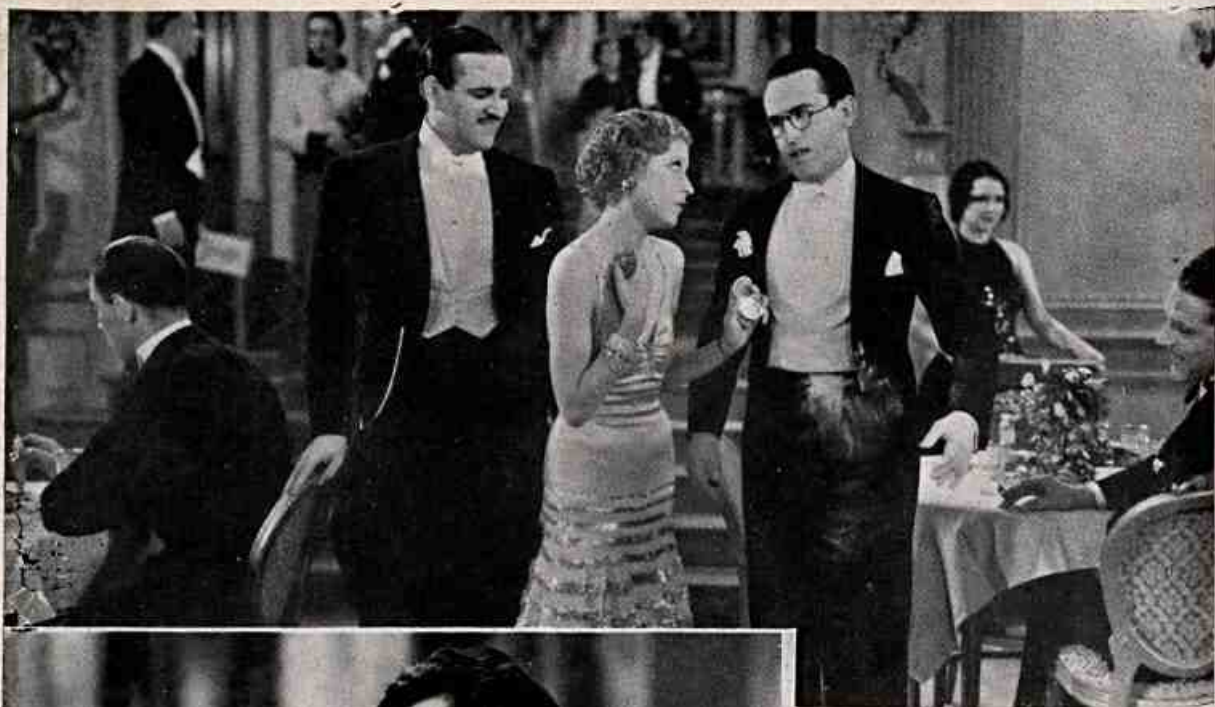
Sei que a belleza é velha classica e banal...
sei que você não tem
a belleza morta das mil e tantas venus,
mas você é, positivamente,
gostosa
com seu geito esguio, caricatural,
de esboço a nankin...
você tem o gosto quente
de amendoim,
que deixa na alma da gente a sensação original...
Ha gosto de você em todas as
linguas,
climas,
latitudes,
apesar de você não ter a belleza velha, classica e
[banal...

Luiz Guim

"FON-FON" NO CINEMA

ILLUSTRAÇÕES DO FILM

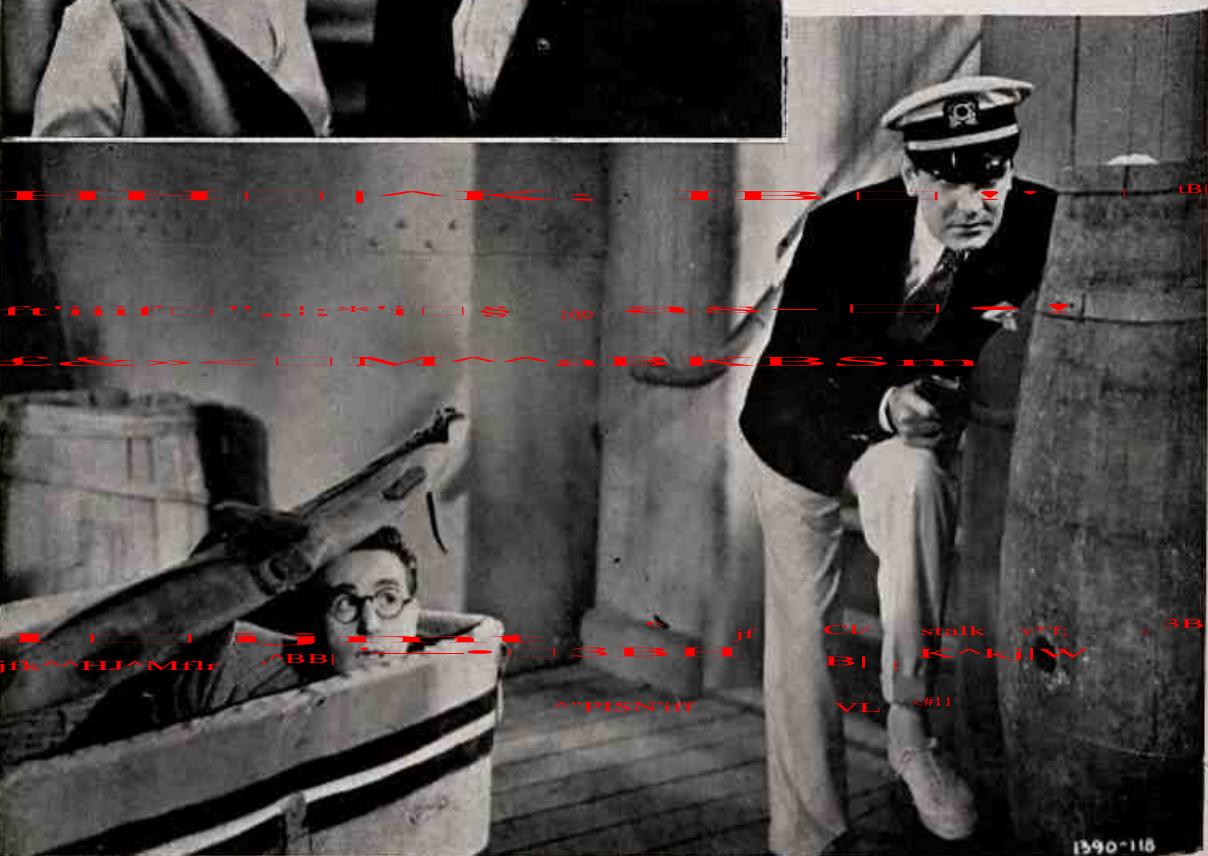
CINEMANOMANIA

(Vide enredo na pagina 43)

Um baile no studio. — A furia da hespanhola. — «Ahi vae garrafão!»

ILLUSTRAÇÕES DO FILM

CINEMANOMANIA

(Vide enredo na pagina 43)

«Perdão!» — Aquella loura era o diabo! — Espreitando o inimigo.

Todos em paz.

O celibatário carinhoso

Da PARAMOUNT
com
DOROTHY JORDAN, PAUL LUKAS E CHARLIE RUGGLESS

MICHAEL NORDA, um esculptor de talento, foi um celibatário que se dedicára quasi exclusivamente á sua arte, até que um dia se apaixonou pela gentil e formosa

Labios que se atrahem.

Elinor Hunter, menina namoradeira, que a esse tempo acceitava os galanteios do banqueiro Harvey Torp.

Michael tinha um modelo predilecto: a formosa Julia Stressman, e com ella trabalhava num certo dia em que Elinor se apresentou em sua casa, ou melhor no seu *studio*.

Elinor não escondeu o seu ciume. Debalde Michael procurou convencêl-a de que Julia, viuva de seu irmão mais velho, era apenas seu modelo; que seu irmão morrêra na guerra a seu lado e que elle tinha o dever de proteger sua cunhada.

Dias depois, Julia veiu ver a conclusão do trabalho para que servira de modelo e, approximando-se duma janella do edificio, cahiu á rua e morreu desse desastre. Antes de morrer, Julia pediu a Michael que adoptasse sua filhinha Mitzi, que ficava na vida sem amparo, o que elle prometteu fazer. Mas uma grande difficuldade se levantava para impedir esse desejo: o juiz de orphãos, cujo representante compareceu para declarar que Mitzi teria de pas-

Que dôr de cabeça!

sar um anno na Curadoria. Ninguem poderia adoptál-a antes disso.

Michael ficou desesperado e tomou a resolução grave de se declarar pae da pequena. Entre as pessôas presentes a essa declaração encontrava-se, por acaso, Elinor, que, sabendo do desastre, viéra offerecer o seu auxilio.

Dez annos depois, Mitzi transformára-se numa joven encantadora, que vivia junto de Michael, que continuava tratando-a como uma creança, não se esquecendo nunca de Elinor, por quem continuava a manter uma grande paixão. Elinor casára, mas do seu casamento resultára apenas uma grande infelicidade. Ella mesma o confessára a Michael. Promettêra até divorciar-se para casar com Michael.

Mitzi, sem saber porque, empallidecêra ao ouvir semelhante novidade. Empallidecêra e procurára desde logo evitar mais intima convivencia com Michael, o seu pae adoptivo. Havia uma pessôa na casa com quem ella costumava desabafar: era o *tio Jerry*. Foi procurál-o.

— Tio Jerry, eu morrerei de ciumes si Michael casar com Elinor. Ella não merece esta felicidade.

— Mitzi! Tu estás apaixonada por Michael.

— E por que não?...

— Tu és ainda uma criança.

— Sou já uma mulher. Acha que Michael poderá amar-me? Elle nem olha para mim.

— Hei de obrigál-o a olhar, respondeu Jerry, a sorrir.

E si bem o disse melhor o fez. tantos os estratagemas de que lançou mão para mostrar a Michael que a sua felicidade estava, não no amor falso de Elinor, mas nos braços puros de Mitzi, cujo amor era puro e sincero.

Elle está com médo de entrar.

CINEMOMANIA

FILM DA PARAMOUNT

com Harold Lloyd, Constance Cummings, Kennet Thomson.

(ILLUSTRAÇÕES NAS PAGS. 39 E 40)

HAROLD tinha a preoccupação constante do cinema. O seu ideal era ser um dia um famoso astro da tela, conhecido e admirado por todo o mundo. Mas o nosso homem não se recommendava pela belleza do rosto nem pela elegancia do porte. Isso, porém, não foi motivo de desanimo, porque estava decidido a entrar no segredo dos studios, como entrou, servindo-se do expediente de remetter á empreza em que desejava contractar-se uma photographia dum amigo seu, esse sim, em absoluto *perfomance* para poder vencer na grande concorrencia. Apenas nos studios se recebeu a photographia e as indicações que o Harold remettia, mandaram-no apresentar-se immediatamente para começar a trabalhar, o que elle fez não sem commetter algumas *gaffes* que o trouxeram em grandes embaraços.

Uma vez nos studios, mandaram-no fazer alguns *tests* e os resultados foram os mais desastrados possiveis. Positivamente, não tinha geito algum para aquella trapalhada de cinema. Mas o homem queria por força vencer, tanto mais que uma encantadora hespanhola se lhe atravessára no caminho e elle se apaixonára ardentemente por ella. A unica coisa que o deixava embaraçado é que havia uma outra mulher, loura, delicada e meiga, que se lhe agarrara furiosamente e não o deixava descançado. E a atrapalhação era grande, porque a hespanhola sabia tudo quanto se passava com a loura e esta tudo quanto se passava com a hespanhola. Harold nunca poude comprehender como isto era, vivendo continuamente embaraçado, tendo de inventar uma rede de mentiras para se justificar.

Nos studios havia um galã de recursos que andava apaixonado pela hespanhola, motivo por que tinha um odio mortal ao nosso complicado Harold. Fez-lhe, por isso, sempre as maiores desconsiderações, pelo que elle tomou a resolução de tirar um desforço. Estava-se passando a bordo de um navio uma scena sensacional para um film de alta metragem. Harold entrou no studio quando o seu rival se dispunha a representar uma scena de amor. Não teve duvida. Sem se importar com as condições do momento, atirou-se ao rival e deu-lhe uma surra mestra. No meio da luta passou pelo studio o director da empreza, que, julgando aquillo apenas uma scena a filmar, e tanto gostou da agilidade de Harold que mandou immediatamente offerecer-lhe um bello contracto.

No meio do seu grande jubilo, uma descoberta sensacional lhe appareceu: a hespanhola e loura a quem elle tão ardentemente amava, eram uma e a mesma mulher.

Escriptores e livros

A IMPRENSA E O LIVRO

A Commissão encarregada da elaboração da nossa carta politica, depois de agitar um assumpto interessante, a possibilidade de nacionalizar as emprezas jornalisticas, approvou um artigo assim redigido: "Nenhum imposto gravará directamente o livro, ou periodico, ou a profissão de jornalista, salvo o imposto sobre a renda." Muito bem. Nenhum outro paiz, como o Brasil, precisa ensinar o seu povo a lêr. Os jornaes, com raras excepções, podem viver folgadamente, pagando regularmente os seus auxiliares.

O jornalista profissional não existe no Brasil, porque teria fatalmente de morrer de fome.

Em compensação, os que fazem o "sport" do jornal são legião... Sobre o livro, nem é bom commentar. As edições são ridiculas para um paiz de 40 milhões de analphabetos! Os livros custam caro, e acontece que os pobres, os que ainda desejam lêr não possuem dinheiro sufficiente para adquiril-os.

Assim, toda a medida tendente a expandir o jornal e o livro deve ser encarada com viva sympathia, porque resulta em beneficio do proprio paiz.

Ruy Barbosa — ORAÇÃO AOS MOÇOS — Editor A. dos Reis — Rio — 1933 — 4$

ESTA formidavel peça oratoria foi preparada para a solennidade da collação de gráu dos bacharelandos de 1920, da Faculdade de Direito de São Paulo. Paranympho da turma, Ruy adoeceu nas vesperas da sua partida para a Paulicéa, mas foi o discurso lido aos moços, por um lente da gloriosa Faculdade.

Depois de treze annos, o verbo do Mestre ainda caustica, pelas verdades que encerra. Então, Ruy exclamava: "Ora, senhores bacharelandos, pesae bem que vos ides consagrar á lei, num paiz onde a lei absolutamente não exprime o consentimento da maioria, onde são as minorias, as oligarchias mais acanhadas, mais impopulares e menos respeitaveis as que põem e dispõem, as que mandam e desmandam em tudo; a saber: num paiz, onde, verdadeiramente, não ha lei, não ha moral, politica ou juridicamente falando."

Eis a *realidade* brasileira que os espiritos não turvados pela miseria moral dos aulicos do poder procuram destruir para conduzir a nacionalidade a rumos novos, preparando a sua grandeza. Ruy, *peccador*, parece penitenciar-se nesta oração, clarividente que era! Os moços do Brasil, entretanto, comprehenderam a missão que lhes estava reservada, e tomaram os postos avançados para impedir o governo das minorias e das oligarchias desprestigiadas, para implantar a ordem e a moralidade tão necessarias á communhão nacional.

Já não ha logar no Brasil para os *homens-panóplias*, a que allude Ruy na sua magistral oração. Felizmente!

Cornélio Pires — SAMBAS E CATERETES — Edições Unitas — São Paulo — 6$

MAIS um interessante livro de Cornélio Pires, que reúne, ao seu feitio de humorista, um admiravel senso de observação das coisas caipiras. Colhendo os versos rusticos *inventados* pelo caipira paulista para os seus fandangos, *funcções*, cateretês, sambas, canas-verdes e cururús, o autor fez um volume divertido, ao mesmo tempo que illustra, o caipira paulista tem personalidade e até caracteristicas raciaes, pois resistiu a toda e qualquer influencia que podiam ter nos seus costumes os costumes das diversas raças e nacionalidades que se infiltraram por todos os recantos do Estado. "Phenomeno" interessante se verifica no interior de S. Paulo",

escreve o autor. "Estrangeiros de velhas raças, ao envez de influirem sobre os paulistas — de uma nacionalidade apenas em formação, como todos os brasileiros — são por estes influenciados, adquirindo-lhes os costumes, o feitio, o sotaque e até seus cantos e danças."

E' facto. São as nossas melhores reservas que dão ao Brasil o aspecto da sua maravilhosa unidade. A colheita transportada para o volume é farta. Na maioria, versos de encantadora simplicidade. Por exemplo:

Minha namorada é linda,
Parece a rosa em botão;
E' a moça mais formosa
Que existe aqui no sertão.

Namorei ela muito tempo
Ela tambem me namorou;
Nóis ainda não casemo,
Porque... o dia não chegou.

A philosophia caipira pouco differe da do civilizado...

Yoritomo Tashi — O BOM SENSO EM 12 LIÇÕES — Flores e Mano, edts. — Rio — 3$

ESTE livro, excellente traducção de Bandeira Duarte, faz parte da *Bibliotheca de cultura individual*, bastante conhecida pela sua real utilidade.

Eveline Le Maire — O NOIVO DESCONHECIDO — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 3$

TRATA-SE de um interessante romance, traduzido para a *Nova bibliotheca das moças*.

Herculano C. e Silva — A REVOLUÇÃO CONSTITUCIONALISTA — Civilização Brasileira Editora — Rio — 10$

ACCUSADO de ter trahido, de ter faltado ao seu dever, o commandante da Força Publica Paulista procura se defender por todos os meios ao seu alcance. Este livro de 444 paginas, com illustrações curiosas, focaliza ainda mais a personalidade do autor, e, certamente, provocará debates de grande alcance para a historia da revolução que agitou o paiz em 1932.

Concordia Merrel — O HOMEM SEM PIEDADE — Comp. Editora Nacional S. Paulo — 3$

ESTE volume pertence á *Nova bibliotheca das moças*. São 288 paginas traduzidas pelo festejado escriptor pernambucano Mario Sette.

Edgard Wallace — O FANTASMA VERDE — Liv. Globo — Porto Alegre — 5$

O famoso novellista forneceu mais um volume para a *Collecção amarella*, tão apreciada pelo publico amante do genero de leitura policial-mysteriosa.

Mario Poppe

Notas de Arte

AS RAZÕES DA SORTE. — Votando em d. Anna Amelia de Queiroz Carneiro de Mendonça para elegel-a no torneio elegante aberto pelo "O Malho", — a maior poetisa brasileira — escrevemos justificando o voto com o nosso autonymo (Reis Carvalho): "Entre as poetisas brasileiras na plenitude do estro, ha tres primeiras: Anna Amelia, Gilka Machado, Maria Eugenia. Cada qual é maior ou menor que as outras duas, conforme o criterio adoptado na classificação. Mas eleitor é preciso votar. Qual a 1ª entre as primeiras? Hesito. Entrego á Sorte, a escolha... E a Sorte escolhe — Anna Amelia."

Como se vê, o eleitor não fomos nós, mas a Sorte. Nós elegemos não uma, mas tres poetisas. Resta saber se se justifica a nossa hesitação e se teve razão o Destino.

Justifica-se a nossa hesitação.

Quando se comparam as producções poeticas de Anna Amelia, Gilka Machado e Maria Eugenia, sente-se que, realmente grandes as tres musas brasileiras, são todas differentes; cada uma é maior ou menor que outra, conforme o criterio do julgamento.

Possuindo todas a mesma intensidade de estro, cada qual nos emociona mais conforme o genero da emoção que transmitte.

Gilka Machado é a poetisa por excellencia das sensações physicas. Nenhuma das tres canta o mundo dos sentidos como a musa dos *Crystaes Partidos*. Nenhu-

DE TI

Tua vóz, minha amiga,

E' um violino chorando uma sonata antiga;

E' um delirio de sons que me envolve e enlouquece

Com ansias de paixão e frenesi de prece...

E tuas mãos miraculosas

Têm a pureza immaculada das rosas

E suavizam todos os tormentos

Dos que nasceram para os desalentos.

Mãos de Santa Thereza de Jesus,

Abertas para os martyres da cruz!...

E, minha suave amiga,

Tua vóz

E' um violino chorando uma sonata antiga...

ADOLPHO TOURINHO

na revela a riqueza de vocabulario e o imprevisto de imagens ao idealizar o que se vê e se ouve, se apalpa, se cheira ou se prova, como a empolgante cantora de *Mulher Nua*. Gilka Machado é, no sentido philosophico do termo, uma poetisa sensualista, tudo nella é sensação. Sob esse aspecto nenhuma outra a excede nem mesmo a iguala.

Maria Eugenia, Maria Eugenia Celso, sobrepuja as outras duas pelo polymorphismo da sua inspiração, que tanto é grande no grave como no burlesco, na poesia em verso como na poesia em prosa, e verseja tão bem em portuguez como em francez. Nem Anna Amelia nem Gilka Machado possuem no mesmo grão semelhantes predicados.

Anna Amelia é superior ás duas rivaes pela belleza edificante da sua musa. Pairando acima da vida physica, ella idealiza sobretudo a vida psychica. Canta mais emoções que sensações. Não nos lembramos de nenhum verso da grande musa em que se revele qualquer allusão grave ou burlesca a sentimentos ou idéas, menos nobres. Poetisa essencialmente psychologica, a sua poesia idealiza mais que tudo os prazeres da sociabilidade, os gozos do altruismo. A sua musa tem algo de corneilliana. Não encanta só, edifica tambem. Sob esse aspecto nem Gilka Machado, nem Maria Eugenia attingem á grandeza de Anna Amelia. E o que ainda mais sublima a arte excelsa da poetisa de *Alma* e *Ansiedade* é que mantem toda a nobreza da inspiração, liberta de quaesquer crenças sobrenaturaes.

Eis ahi, num rapido esboço, os motivos por que hesitamos na escolha da primeira entre as primeiras.

O Destino, porem, decidiu. E decidiu-o de modo que nos surprehendeu.

Realmente, o momento que passa é o do reinado da vida physica, da existencia sensual, das fortes e brutaes emoções que nos deleitam e embriagam os instinctos mais numerosos e mais energicos, embora menos delicados, menos nobres: da arte, por assim dizer physiologica, em contraste com a arte psychologica; da arte pela arte; sem finalidade social, arte sem razão e sem moral; arte exclusivamente materialista. De sorte que seria mais logica a Sorte se como a maioria dos eleitores já o fez, elegesse Gilka Machado, como a primeira das primeiras. Ou então Maria Eugenia, tão grande como qualquer das duas na magnitude do estro, mas cuja musa sceptica e risonha não parece preoccupar-se muito com a edificação dos leitores, mas só em divertil-os e encantal-os e por isso mesmo mais harmonia com o gosto da época...

Escolher para primeira das primeiras, a arte rara de Anna Amelia, foi, para nós uma surpreza do Destino... Elle teve a coragem que nos faltou...

OSCAR D'ALVA

IDEAL

Um coração sincero a palpitar de amor,
um meigo olhar, um suave olhar todo sinceridade,
labios que desabrocham num sorriso em flor,
uma alma que fiel nos comprehenda,
que nos queira bem, que nos entenda,
alma adorada,
mulher amada,
felicidade!

SYLVIO LEVEL MOREAUX

Tortura sem fim

AQUELLE desejo, ha muito, torturava a alma de Luciano, numa angustia infinita, trazendo-o atado ao pelourinho do desespero, na ansia de conseguir o seu maior desejo, a sua aspiração suprema: — o momento de estreitar aquella que era a razão da sua vida.

Elle sonhava, dia e noite, com esse momento, em que pudesse confundir o bater dos seus corações, em que, apertando-a contra o peito, pudesse dizer orgulhoso e num gesto de desafio ao mundo: "E' minha! ..."

Nessa tortura, nesse vae-vem allucinante, viu chegarem-lhe os primeiros cabellos brancos, que se destacavam da sua cabelleira negra, como um raio de luar.

Veronica, cuja alma, sensibilizada aos carinhos de Luciano, havia tambem sonhado com esse desejo, não occultava, entretanto, o receio das convenções sociaes, unico obice a essa realização...

....

Cinco annos são passados.

O desejo de ambos não se arrefeceu.

Luciano já não ostenta aquella cabelleira negra, cujos cabellos são, agora, inteiramente brancos, de uma alvura semelhante á pureza do seu amôr...

Veronica, mais mulher e mais desejo, tambem cultivou sempre esse mesmo anseio.

Por mais de uma vez, tentaram ambos perscrutar o Destino, sem, entretanto, conseguil-o. Assim, Luciano e Veronica continuaram na ignorancia de sua sorte...

Essa ignorancia, mais e mais os unia na conquista desse ideal...

As convenções sociaes, entretanto, se antepunham entre ambos e a reflexão os detinha.

Luciano, quasi desanimado, certa vez, chegou a propôr a Veronica, num gesto de profundo desalento, a renuncia a esse amôr, que lhe parecia impossivel.

Veronica, ao contrario de Luciano, não pensava em renuncia, limitando-se pacientemente a esperar o momento em que a obliteração dos sentidos lhe permittisse esquecer as convenções sociaes, para se entregar ao culto definitivo desse amôr que era uma obstinação.

Luciano, apesar do seu grande anseio, e sentindo-se ás vezes impotente para aguardar o momento supremo, creava novas energias, quando Veronica, ponderada e calculadamente, o convencia de que deveria ter fé, muita fé no futuro.

Tres mezes se passaram sem que Luciano se avistasse com Veronica, pois, premeditada e friamente, havia deliberado esquecer esse amôr que lhe aniquillava a alma, minuto a minuto, — quando, um dia, inesperadamente, o Destino, esse Deus caprichoso, fez com que Veronica fosse ao seu encontro, para reclamar contra tamanho abandono, contra tão covarde renuncia.

Debalde Luciano tentou convencêl-a de que era impossivel a realização desse sonho, sonho que era toda a sua unica e suprema aspiração...

Procurou provar-lhe calma e pacientemente, como as convenções sociaes não permittiam que elles que se ammassem, que se comprehendessem, que pudessem, num amplexo, confundir o bater dos seus corações...

As convenções eram o abysmo que se antepunha entre elles...

Veronica discordou e, á uma ponderação de Luciano, disse, resoluta:

— Esperar? Por que? Que importam as consequencias, quando se ama? O que legaliza o pacto não é o assentimento da lei, porém, a escolha. Sou tua eleita, tú és o meu eleito; logo, nada nos póde afastar. Aqui me tens! Sou tua; pertenço-te de corpo e alma; estreita-me em teus braços. Vê, toda eu me desamparo ao encontro do sublime minuto!...

Luciano teve um momento de hesitação, chegando quasi a julgal-a louca, mas, presa que era tambem desse mesmo anseio, apertou a Veronica entre o peito.

A Morte, porém, que espreitava occulta, mandada pelo Destino, a Morte, essa deusa invejosa e maldosa, que encurta todas as alegrias, do mesmo modo, porque prolonga todas as agonias, velava attenta e quando Luciano procura os labios de Veronica para nes mesmos imprimir um beijo em que se fosse toda a sua vida, verifica que ella havia morrido nos seus braços!...

Emmudece e apenas duas lagrimas quentes lhe rolam pelas faces lividas, mostrando, assim, que o coração se lhe tinha espedaçado!...

ORLANDINO LOBATO

DESTINOS

NUNCA se tinham visto nem tocado seus dedos num simples aperto de mão, mas desde o primeiro momento seus olhos tinham dito tudo.

Estavam apaixonados. Elle, dos seus lindos olhos grandes e claros, de longos cilios alourados; da sua bôcca, talvez um pouco grande, mas que deixava vêr um fio de perolas num sorriso de graciosa franqueza; do seu nariz bem feito, com pequeninas veias azues sob a epiderme (que pena!) queimada pelos banhos de Copacabana; da sua cabelleira crespa e alourada, mettida sob o chapéo de palha, de abas largas. Ella, do seu typo de rapaz moderno, forte, de semblante largo — ao qual seus trinta annos emprestavam uma sisudez discreta — e illuminado por uns olhos leaes, que pareciam reflectir a placidez duma alma honesta... Do alvoroço que presentira em sua alma, quando pousava mais demoradamente seus olhos nelle e que tornavam aquelle rapagão embaraçado e quasi timido em sua presença...

Pedira perdão da ousadia em falar-lhe, e parecera-lhe que a tarde era mais bella, as acacias mais floridas e a brisa mais suave, ao vêl-a sorrir, como a confessar-lhe que anslava por isso...

E quando elle perguntou, esperto, onde já vira aquelles olhos tão seductores, limitou-se a responder-lhe um "nunca nos vimos", admirada intimamente de sentir que já pareciam dois velhos amigos...

E desabafára, com aquelle amavel desconhecido, todo o drama de sua alma contando-lhe tudo o que tantas vezes pensára em dizer aos seus paes, ás suas amigas e até ao seu proprio noivo, mas não tivéra coragem.

Queriam casál-a por conveniencia. Não tinha amor a esse rapaz que seus paes diziam ser um caracter nobre e sincero e, que a adorava. A's vezes, fugia

(Continúa na pag. seguinte)

para a casa dalguma amiga para evital-o... Tratava-o com desprezo, e agora reconhecia que isso só tinha servido para fazêl-o cada vez mais apaixonado della!... Mas, não! Não se casaria com elle! Não gostava delle!...

As palavras sahiam-lhe aos borbotões, tantas vezes se tinham formado em sua mente e desfeito sem ter sido proferidas...

Ao mesmo tempo, uma nuvem de tristeza toldava sua fronte, fechava o sorriso em sua bôcca fresca e seus olhos cerravam-se, lembrando-se dos velhos paes, aos quaes já tinha confessado francamente seu segredo, e que tinham procurado dissuadil-a do rompimento, dizendo-lhe que o amôr viria depois de casada e que, com certeza, ella gostava de outro.... Não! Não gostava de ninguem e sentia que não poderia ser feliz casando-se com o noivo...

Elle escutou-a silencioso, enlevado pela eloquencia e sinceridade com que ella defendia o direito de ser feliz um dia...

* * *

Primeiro procurára demovel-a. Talvez tudo fosse exaggero de sua alma exigente demais e romantica, mas ao vêr a firmeza com que ella rebatia seus argumentos, falará lhe com toda a franqueza:

Era um crime o que pretendiam praticar!... Si se casasse assim, no dia seguinte ao do casamento estaria arrependida... Nunca se unisse a alguem por piedade... Sua felicidade não valeria muito mais do que a simples satisfação de ter cumprido um desejo de seus paes?... Que só se casasse com um homem que não pudesse passar um dia sem vêl-a!... Isto sim, é que era amôr!...

E tivéra palavras amargas contra essa sociedade injusta e má que prohibe ás mulheres escolherem o marido que lhes agrada, obrigando-as a acceitarem os que as cobiçam...

Até então não amára, mas era um homem de trinta annos, vividos no Rio... Com uma certa experiencia, e desinteressado... Tinha-a conhecido naquella tarde. Nem lhe sabia o nome. Ignorava quem era seu noivo... Mas, suas almas se tinham comprehendido tão bem, tinham inspirado uma á outra uma confiança tão grande, que ousára falar-lhe daquella maneira...

Agradecêra-lhe com um sorriso e um olhar, um olhar tão terno que parecia uma caricia, a solidariedade de sua alma, bem irmã da sua, e pedira-lhe seu nome...

— Para que?... Quasi noiva...

* * *

E separaram-se naquella tarde luminosa e bella com a Natureza paradoxalmente em festa, sem um aperto de mão... quando já distante, voltou-se e lançou um ultimo olhar ao pobre moço que, attonito e apaixonado, ficára sem poder mover-se, como que pregado ao chão, até que seu vulto esbelto desappareceu na primeira esquina...

O. C.

A BESSA...

Gumercindo Bessa era sergipano privilegiado pela mãe natura de talento vigoroso, rara força de vontade para o trabalho, sem a preoccupação de vencer, sem a fantasia da gloria intellectual.

Fausto Cardoso, outro sergipano insigne antagonista do talentoso Gumercindo no modo philosophico de encarar a vida pratica, mas admirador sincero e amigo dedicado do illustrado coestaduano, fez-lhe a individualidade transpôr as fronteiras de Sergipe com a vasta cultura juridica e erudição admiravel.

Lembramo-nos ainda da phrase do saudoso conselheiro Rodrigues Alves, quando terminára a leitura do parecer do doutor Gumercindo Bessa acerca do projecto do "Codigo Civil":

"Tenho vergonha de ser o presidente da Republica e não conhecer o primeiro civilista brasileiro". (sic).

Quem podia, pretendera fazer de Gumercindo Bessa deputado federal pelo seu Estado. Não o quizéra. Intervieram amigos; convenceram-no da necessidade imperiosa de acceitar a candidatura.

Accedêra. Aceitára. Foi eleito. Deixou a rica bibliotheca em Aracajú para vir passar algum tempo no Rio. Não se amoldava, porém, á vida politica; por isso, nada fizéra na Camara dos Senhores Deputados.

Certo dia, falava naquella casa do Congresso Nacional o deputado J. J. Seabra. Gostou Gumercindo de ouvir a palavra do antigo collega de Academia, e, por distracção, déra um "apoiado". J. J. sentira-se tão honrado com o aparte do illustre congressista, que interrompêra o discurso para lhe tecer hymno triumphal de glorias. Gumercindo, que só trilhára a estrada do dever e da virtude, modesto e até humilde, mais amigo da honra do que da gloria, ficára envergonhado de receber os elogios, aliás merecidos, e, por esse motivo, nunca mais voltou á Camara.

* * *

Pelo proprio Ruy era admirado Gumercindo. "A transacção do Acre no tratado de Petropolis" é o titulo de um livro do genial bahiano acêrca da sua polemica com o excelso sergipano. Quando o primeiro fazia citações de autor que só elle, dizem, julgava conhecer, o segundo, sem philáucia, controvertia, assegurando aquelle citar do autor em causa só os pontos que lhe conviham, deixando outros mais importantes...

Affirmam que Ruy sorria a dizer:

"Que tabaréu terrivel! Sabe tudo!"

Discutiam pela imprensa o relevante assumpto. Ruy, aqui, no Rio; Gumercindo, lá no seu Aracajú não se mostrando um e outro menos senhoril na parte histórica — juridica, nem no estylo sublime de contendores belletristicos, amigos do vernáculo, instruidos no manejo das bôas letras.

Um beijo pelo telephone

Vem, senta-te ao meu lado.
Não. Tira o teu chapéo primeiro e com cuidado
para não desmanchar os teus cabellos.
Penteaste-os differente hoje? Deixa-me vêl-os;
Como conseguiste arranjál-os assim?
Ah! Que novidade feliz para mim!

Transfiguras todo o dia em uma nova mulher
com um novo penteado ou um gesto qualquer;

Porém, tudo isso não consegue desfazer
este meu impossivel aborrecimento
que nestas ultimas horas me tem feito soffrer;
Queres saber a razão qual foi? Escuta um mo-
[mento:

Hoje enviaste-me um beijo sem sabêr
pelo telephone. Isso foi a constante
causa do meu máu humor.
Nem siquer reparaste um instante

De Hormino Lyra

Quando se déra a conhecer o polemista contradictor, julgava Ruy ter inoffensiva minhoca a enroscar-se nas pernas de um gigante, como o affirmára alguem, mas ficára perplexo: defronte um do outro eram dois gigantes.

* * *

Acêrca do famoso parecer, arrancado em Aracajú das mãos de Gumercindo por Fausto Cardoso, afim de o depôr nas do presidente Rodrigues Alves, nada referira o doutor Clovis Beviláqua nas suas *Preliminares*, nem o doutor

---

que antes de eu recebêl-o elle devia andar
pelos fios sem fim que cruzam o ar,
e que outros homens que estavam falando entre
[nós dois.
deliciaram esse beijo que eu recebi depois.

Ah! Como eu senti ciumes desses homens, louca,
porque receberam bem antes de mim
o beijo abstracto dessa tua bocca.

Porem não te zangues porque eu sei, querida,
que aquillo foi uma acção irreflectida.

Mas saibas que, de agora em deante, o meu
[desejo
é que guardes esse beijo
para depois,
quando estivermos juntos:
Só nós dois.

De Aniz

Paulo Lacerda no magistral artigo do *Jornal do Commercio* de 25 de dezembro de 1915, como synthese historica e critica do "Codigo Civil Brasileiro", iniciado no governo do benemerito presidente Campos Salles e sanccionado com os seus 1.807 artigos em 1.º de janeiro de 1916 pelo presidente Wencesláo Braz.

Entanto, da admiração causada ao presidente Rodrigues Alves pelos extraordinarios conhecimentos juridicos, pela vasta erudição de Gumercindo Bessa, veiu o dito que serve de titulo a estas linhas, creado por estudantes sergipanos, no Rio. Quando se referiam estes á grande talento, á notavel conhecedor da jurisprudencia, exprimiam-se por este modo: Fulano tem talento *á Bessa!* Beltrano sabe direito *á Bessa!*

Ora, estudante tanto póde ser o filho do palaciano como o do taverneiro; tanto frequenta a nata social como a sociedade mais modesta; por isso, facil fôra espalhar-se a miude o novo dito. Por fim, o povo, como sempre acontece, chamou-o a si, dando-lhe prerogativa de locução adverbial com a significação de *trop* dos francezes, *plus satis* dos latinos, excessivamente, demasiado: Tem dinheiro *á Bessa!* Chove *á Bessa!*

Dizem uns que déra logar a essa locução certo caso repugnante de um tal pharmaceutico Bessa; dizem outros que provém ella de um tal Bessa, hoteleiro em Therezopolis, o qual fornecia aos freguezes comida em grande abundancia.

Com franqueza, pensamos ser isso fundado em ligeira presumpção, alcançada ou adivinhada por simples conjecturas ou mera coincidencia.

Restabeleçamos, pois, o facto, resalvando a idéa na sua clareza e exactidão.

Ao abraçarmos, o outro dia, Gustavo Barroso pela sua reintegração no logar de Director do Museu Historico, cujo fundador fôra elle proprio, lembrára-nos o nosso amigo, com certa subtileza, este adágio do sertão septentrional: "O que é do *home* o bicho não come!"

E o adágio tinha analogia com o acontecimento.

Tivemos depois a idéa de trazêl-o á balha em relação ao caso do sergipano illustre: o notavel civilista esforçára-se por viver na obscuridade, mas esse esforço não o impedira de ser grande na alma popular; e, assim, é lembrado Gumercindo *á Bessa*...

Commentarios

A praia de Copacabana regorgitava na sua polychromia entontecedôra. Um sol grande e bello mordia, voluptuosamente, espaduas esculpturaes e braços roliços... O mar, manso e claro como um espelho liquido, embalava, cariciosamente, corpos tentadôres de mulheres formosas e de homens fortes, musculosos.

Vizinha á minha barraca humilde, uma barraca rica. Sob o toldo de panno caro, trez moças bonitas, envôltas por *maillots* deliciosamente escandalosos, conversavam animadamente. Falavam sem cessar. Discorriam, ora sobre a animação do banho, ora sobre o ultimo modelo de um chapeu de Patou, ou, nervosas, discutiam a franca possibilidade da victoria deste ou daquelle cavallo, na proxima corrida do Jockey Club. Era tão varia e incerta a palestra das tres moças, tão voluveis os assumptos e tão banaes os conceitos, que me julguei vizinho de tres corpos lindos, mas, sem cabeças. Falavam, riam, chacoteavam, discutiam, tudo tão sem nexo, sem sentido proprio, que mais pareciam papagaios *mal educados*... Eu permanecia estirado na areia fresca, com o ouvido attento á conversação das *jeune-filles*, quando um casal passou, braços dados, por entre as nossas barracas. Uma das nymphas chamou a attenção das outras, que, no momento, olhavam, abstrahidas, as curvas elegantes de um barco-motor heraldico. O casal desappareceu em meio á multidão semi-nudista, ostentado a sua elegancia requintada de praianos. Ella era loira, de um loiro corado onde o sol puzéra alguns raios de oiro. Os cabellos brilhavam como fios metallicos. Elle era moreno. Moreno pigmentado, dos tropicos. Ambos jovens, bonitos e apparentemente sadios.

* * *

— Viram quem por aqui passou?...

— ??...

— A Julieta. Ia pelo braço do Mario Campos...

— Ah! a sirigaita! No *reveillon* de Natal do Fluminense estava toda cheia de salamaleques e não-me-toques com o Fausto Gama. Na festa de Anno Novo do Automovel só dançava com o Theodoro Lopes e tão agarrada a elle e tão escandalosamente vestida, que feria o pudôr das moças mais desenvôltas. No ultimo baile do Tijuca *flirtou* desabridamente com o jornalista Leopoldo Franca, que, alem de um devasso conhecido e proclamado, é casado em segundas nupcias! Penso que nestes ultimos dois mezes ella teve tantos namorados quantos dias tiveram os mezes. E o que mais me surprehende, é a preferencia que ella góza por parte do sexo fôrte. Nas festas onde ella se encontra, acabou!, ninguem tem mais direito a nada! E Julieta pra cá, Julieta pra lá e os homens, esses bonecos tôlos e frivolos, não têm olhos para outra coisa nem para outra mulher. Não sei donde lhe vem tanta fascinação...

— Não sabes?! Ora! Todo o mundo está farto de sabêl-o! Nunca ouviste dizer o que ella é na *intimidade*? Pois o meu irmão Leonel foi seu namorado durante dois dias e trocou-a por outra, embóra mais feia, porque, disse elle, se enfastiou dos seus carinhos excessivos... Dizem que já esteve noiva dezenove vezes, e os futuros maridos bateram azas antes de ser definitivamente fisgados, porque ella, na ansia louca de casar-se, *estragava* o pretendente, antecipando as coisas...

Neste ponto, a terceira, que permanecia calada, interveiu, fulminante:

— Alem disso (bem sabem que o pae della falliu fragorosamente ha trez annos) aquelle luxo, aquella *baratinha* azul com que mette raiva á gente, aquellas joias bonitas como estrellas pequeninas que usa nos bailes, ninguem sabe como lhe vieram ás mãos. Deus me livre de falar mal da vida alheia. Não me interessam essas coisas, nem me move nenhum despeito. Mas, Paquita de Azevêdo, que a visita diariamente e vae todas as quintas feiras ao chá da La-

* * *

GILBERTO

de Nymphas...

let em sua companhia, contou-me, muito confidencialmente, que ella, ao sahir, sozinha, no carro de algum endinheirado, á volta, tem, sempre, um rico presente a mostrar-lhe. A Paquita, coitadinha!, que é muito bem comportada e um modelo de virtude, fica admirada de tanta sorte e, na sua ingenuidade de moça bem educada e sobretudo distincta, fica intrigada do porquê dessas franquezas, dessas liberalidades dos namorados da amiga...

— Olha, minha filha, esta da ingenuidade da tua amiga Paquita, não me entra pelos ouvidos. Si ella é assim tão correcta, tão alarmada com o successo da Julieta, por que a acompanha a toda a parte e anda, continuamente, em *farras* notivagas até altas horas, chegando ao ponto de o pae, certa madrugada, não lhe querer abrir a porta, forçando-a a passar o resto da madrugada num hotel, em companhia da... amiguinha do peito?...

— Estas coisas são faceis de dizer, mas não são de prová-lo. Ninguem está livre da maledicencia... A Paquita é uma das moças mais pudoradas e recatadas que conheço. E a prova mais frisante temos nós com o horror que ella dedica a esta nossa deliciosa e incomparavel Copacabana. Horror tão pronunciado, que chega a priválа-a da simples contemplação do banho. E convenhamos que, para a gente perder um espectaculo tão seductor como este, é preciso mesmo que a vergonha seja demasiada arraigada e os principios ultra-severos.

— Sim! Mas não se sente horrorizada com as suas proprias "toilettes" de baile escandalosamente decotadas, verdadeiros attentados ao pudor. Tão decotadas que a gente póde contar-lhe, um a um, os póros de todo o busto e de todas as espaduas, para não dizer coisa peor... Ella, *coitadinha!*, e a sua dilecta amiga Julieta, não passam de duas... pescadôras de maridos... E, aqui para nós, para nós que tambem andamos atraz de um desses idiotas que nos dê um nome e liberdade de acção absoluta, que nos pague o automovel e nos leve á Europa, ás festas e aos chás, é bem deprimente a ansia com que ellas buscam esse objectivo. Tudo na vida deve obedecer a uma certa e determinada orientação. O offerecimento traz o enjôo e, como consequencia logica, o desertar, o abandono. Reparem, por exemplo, no meu modo de agir para com aquelle rapaz que está acompanhado de moças bonitas que o devoram com os olhos. Vêem? Pois bem! Elle não tira os olhos de mim, ha muito tempo. Suas pupillas correm, sem cessar, dos meus cabellos ás minhas pernas... Correm todo o meu corpo com scentelhas de volupia e de desejo... E eu, propositadamente, já me expuz ao seu exame de todas as maneiras, parecendo, entretanto, occasional. Já fiz, para os seus olhos avidos, todas as posições estudadas, de modo a deixar-lhe patente a impeccabilidade das minhas fórmas e da minha pelle. Elle, que para vocês é um estranho, para mim é, além de um moço bem apessôado, nada menos que o Lauro Gomes, recentemente chegado de Londres ou Paris, e filho do capitalista que tem o seu nome... E', positivamente, para as moças casadoiras, um bom partido...

As trez fitaram, num gesto instinctivo de féra que mira a preza ou de cobra que hypnotiza um passarinho incauto, o rapaz descuidado e feliz. Emmudeceram por um instante e, quando o moço se levantou e, atirando-se á agua, galgou o mar em braçadas ageis, as trez, como impellidas por uma unica mola, de uma vez, lançaram-se atraz delle, mar a dentro. Dahi a pouco, num rebuliço, entre pilherias dos rapazes e gesto de piedade-fingida das mulheres, a canôa do posto punha-se em movimento e os salvadôres, solicitos, devolviam á areia morna o corpo de uma banhista elegante, sem sentidos e com o estomago *embrulhado* pelo excesso de agua ingerida...

Era uma das moças que, pouco antes, falavam do exaggêro com que as outras *pescam* maridos. Na ansia, no desejo incontido de acompanhar o "bom partido", perdeu as forças e...

* * *

VEIGA

O VENDEDOR DE CADAVERES

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(Continuação do numero anterior)

Simon Rudge largou a faca e ergueu as mãos. Viu que estava em poder do terrivel policia.

Um momento depois estava algemado.

— E agora, meu amigo, exclamou Sherlock Holmes, vamos conversar um pouco seriamente. A quem vendeste o cadaver de que te lembravas tão bem, que te veiu parar aqui sem roupa e que tinha as mãos brancas?

— Devo confessar? perguntou o negociante de cadaveres numa voz rouca e feroz.

— Não és absolutamente obrigado a isso mas has de fazel-o quando te disser que foi precisamente o homem a quem vendeste esse cadaver que te trahiu.

— Trahiu-me! rugiu Simon Rudge; pois bem, pagar-me-á. Tambem lhe sei o nome, porque o mandei seguir quando, segundo as suas ordens, tivemos que transportar o cadaver para Hyde-Park. E'... Paulo Estrade, o banqueiro de Ludgate Hil.

— Bravo! gritou Sherlock Holmes. Não se podia saber a quem se dirigia áquelle bravo, se a elle mesmo, se ao negociante de cadaveres. Bravo, meu rapaz, pela primeira vez na tua vida disseste a verdade. Terás um anno de trabalhos forçados a menos, graças a essa confissão. E agora, deponho-te aqui no meio da tua mercadoria; é forçoso que te ligue os pés, porque tenho que fazer lá fóra.

E como Simon Rudge hesitasse em obedecer immediatamente, Sherlock atirou-o ao chão com um murro.

Alguns momentos depois, o vendedor de cadaveres estava incapaz de fazer um movimento.

— Bem, já não preciso de nada deste, disse Sherlock desembaraçando-se das lunetas, da cabelleira e da barba postiça, e guardando tudo na algibeira do casaco; esperemos que os de lá de cima tivessem trabalhado tão seguramente como eu.

Abriu a porta, subiu parte da escada, e com um pequeno apito de prata deu trez vezes um signal. Este foi repetido immediatamente e Harry Taxon inclinou-se sobre o parapeito.

— All Right! perguntou o policia, prenderam Barneby?

— Está em poder da policia. Foi mesmo lançar-se nos braços do capitão Morris e dos seus homens.

— Bem, tornou Sherlock Holmes, o patife apenas soffrerá o susto. Retirar-se-á em paz se, no interrogatorio desta noite, confessar o que sabe acerca da venda do cadaver. E agora, Harry, tem a bondade de chamar o capitão Morris e alguns dos seus homens; tenho lá em baixo um individuo que é preciso transportar.

Passado algum tempo, o capitão entrava com dez homens na moradia mysteriosa do negociante de cadaveres, debaixo da ponte de Greenwich. Não se podia conformar com a idéa de que podesse ali viver gente, e que um commercio tão prospero se effectuasse em semelhante local.

— Só por esta descoberta, senhor Shrelock Holmes, disse elle merece ser nomeado o rei de todos os policias.

— Porque? disse rindo Sherlock Holmes. Esta descoberta é pouca coisa. Creia-me, capitão, ha em Londres tantos crimes, tantas miserias que por toda a parte onde pisamos ha mysterios. Mas agora, mande já para a prisão o nosso amigo. Forneceu-me indicações deveras importantes, e póde ser que ainda se apure mais alguma coisa. Está ainda convencido que Charley Benson é o assassino de Paulo Estrade?

— Soltar-se-ha amanhã Benson, respondeu o capitão Morris, foi um erro.

— Que é bem perdoavel, mas não lhe aconselharia a que ponha em liberdade o principal empregado da casa Estrade; ha uma infinidade de coisas que precisam ser elucidadas. De resto, já batemos matto em procura da caça, mas ainda a não apanhamos. A caminho, Harry, vamos para casa, ainda temos trabalho para esta noite.

Sherlock Holmes apertou a mão do capitão, recommendou-lhe mais uma vez a maior vigilancia com o prisioneiro, e subiu com Harry para um dos carros que estacionam na visinhança da ponte de levou á casa.

CAPITULO IX

AS CADEIRAS MAGICAS

O director da Sociedade de Seguros de Vida "Grasham" estava á sua secretaria e lia a correspondencia que o correio levara naquella manhã. Tinha na sua frente um monte de cartas; a "Grasham" tem relações com todos os paizes, tem succursaes em toda a parte, e é pelo correio da manhã que chegam geralmente as propostas para novos seguros concluidos pelos agentes.

— Desculpe-me, se me permitto incommodal-o, senhor director, disse um empregado, entrando sem ruido, com a penna atraz da orelha; está lá fóra um cavalheiro que deseja absolutamente falar-lhe, para um negocio muito importante, ao que parece.

O director consultou o relogio e respondeu:

— Sabe, Stephenson, que só recebo entre o meio dia e uma hora.

— Perfeitamente, foi o que já disse ao cavalheiro; mas affirma que veio aqui afim de evitar á Companhia uma grande perda de dinheiro.

— Ah!... n'esse caso mande entrar.

Pouco depois, era introduzido no escriptorio um cavalheiro elegante, de cara rapada e olhar intelligente.

O director levantou-se e disse com aquella delicadeza peculiar aos inglezes e aos americanos:

— Em que lhe posso ser util, senhor?

— O contrario seria mais justo, replicou o recem-chegado, sou eu que me parece poderei ser lhe util. Tem que pagar das dez horas para o meio-dia um seguro de cem mil libras. Essa importancia, se a entregar, ser-lhe-á roubada.

O director hesitou um momento e replicou:

— Poderá provar o que affirma, senhor? Nesse caso receberia uma recompensa que não é para desprezar: dez por cento da importancia de que se trata.

— Não é precisamente por isso que vim procural-o; de resto, tenho por costume provar o que digo. Chamo-me Sherlock Holmes.

— Ah! queira desculpar, exclamou o director, não sabia que tinha a honra de falar ao celebre policia. Queira ter a bondade de sentar-se.

— Muito obrigado, tornou o policia seccamente, daqui a meia hora serão as dez e seremos obrigados a proceder depressa e com decisão. Observar-lhe-ei, senhor director, que o facto não será destituido de perigo e que para mim não se trata tanto de salvar as cem mil libras como de apanhar em flagrante dois patifes de força. Avisaram-no em tempo opportuno que o banqueiro Paulo Estrade foi encontrado assassinado uma noite, ha quatro dias, á entrada de Hyde-Park?

— Certamente, assassinaram-no, foi o que me annunciaram, mas já o sabia pelos jornaes.

— Paulo Estrade tinha um seguro de cem mil libras pagaveis á viuva em caso de morte, não é assim?

— E' isso mesmo, confirmou o director passando a mão pela barba. Primeiro, houve duvidas de se tratar de um suicidio. Mas mesmo nesse caso seriamos obrigados a pagar; informei-me disso junto á policia. Vê, portanto, senhor Sherlock Holmes, que só nos resta pagar, emquanto não nos der uma prova de que houve fraude. Mas não posso perceber como se dê esse caso. Entregaram-nos o morto com um processo verbal da policia. O corpo foi reconhecido por varias pessoas: em resumo, todas as formalidades estão preenchidas e somos obrigados a pagar.

— Senhor director, disse Sherlock Holmes, quer ter a bondade de abandonar esse logar durante meia hora? Garanto-lhe em troca que não terá que pagar as cem mil libras. Vou sentar-me a essa mesa, poderá ficar diante dessa secretária, terá que representar o papel de guarda-livros e o meu empregado collocar-se-á alli, diante da machina de escrever.

— Se esta proposta me fosse feita por qualquer outra pessoa, senhor Sherlock Holmes, repelli-a-ia com certeza, replicou o director; mas sei que é um homem cujas predicções se realizam sempre; não hesito portanto em acceder ao seu pedido. Disponha do meu gabinete absolutamente como entender.

Sherlock Holmes dirigiu-se para a porta e gritou:

— Harry, entra, meu rapaz.

Entrou immediatamente Harry Taxon, tambem muito elegante, trazendo na mão uma grande caixa de pau que elle segurava por uma argola de cofre.

— Senhor director, disse Sherlock Holmes, é preciso que tenha a bondade de me deixar só com o meu ajudante durante um quarto de hora. Entretanto queira dar ordem para que, se duas pessoas se apresentarem por causa do negocio Estrade, as mandem entrar para este escriptorio.

— Cedo-lhe com o maior prazer o logar, disse o director afastando-se.

— Peço-lhe que observe uma discreção absoluta para com o seu pessoal, recommendou-lhe Sherlock Holmes.

— Certamente

— Urge igualmente que ninguem saiba quem sou nem o que vim fazer.

— Ninguem o saberá.

O director sahiu do gabinete e ouviu Sherlock Holmes fechar a porta á chave.

Durante um quarto de hora reinou no aposento uma actividade febril. Através da porta fechada, o director ouvia o policia e o ajudante andando de um lado para o outro, empurrando os moveis e até martelladas.

— Diabo, pensou o director da "Grasham" neste momento se tivesse sido ludibriado por um gatuno! Se não fosse Sherlock Holmes com quem falei ha pouco, mas algum cavalheiro de industria que me puzesse á porta do meu gabinete para arrombar as fechaduras. Comtudo, não é verosimil, porque o gatuno havia de saber que no meu gabinete não ha thesouro algum e que a caixa principal se acha num outro andar do predio. De resto, pareceu-me reconhecer Sherlock Holmes, porque já lhe vi o retrato em differentes jornaes illustrados.

(Cont. na pag. seguinte)

— Peço-lhe que entre, senhor director, disse naquelle momento uma voz. Ao mesmo tempo abria-se a porta do gabinete.

Quando o director da "Grasham" ahi entrou, recuou espantado.

Via diante de si duas pessoas completamente desconhecidas: um sujeito de sobrecasaca preta, abotoada até ao pescoço com a barba e o cabello branco e lunetas de ouro.

Em frente da machina de escrever estava sentado um rapaz de cabello louro apartado ao meio, com um pequeno bigode de pontas retorcidas.

— Ora esta, o que se passou? balbuciou o director.

— Silencio, meu amigo, murmurou uma voz, sou eu, Sherlock Holmes. Disfarçamo-nos um pouco, o meu ajudante e eu; assim é necessario, porque a mulher do intrujão conhece-nos. Já nos encontramos!

— Assombroso!... e de primeira ordem! exclamou o director, que não se cansava de admirar a maravilhosa caracterização. Na verdade, senhor, excede o nosso celebre Irving.

— O sr. Irving é o melhor actor de Londres, tornou Sherlock Holmes, mas eu prezo-me de ser o melhor policia do mundo; portanto é necessario que me saiba caracterizar ainda melhor do que elle. Os velhacos ainda não appareceram.

— Ainda não, respondeu o director. Mas porque se refere sempre a duas pessoas que vão tentar subtrahir-nos as cem mil libras? A viuva provavelmente apresentar-se-á só.

— Ah! não! acompanhal-a-á um cunhado vindo de Hespanha, um militar e fidalgo. Soube o grande desgosto que teve Ellen Estrade e veiu acto continuo de Sevilha para acompanhar a cunhada durante estes tristes dias.

— Bem temos ainda algum tempo antes de chegarem, disse o director fazendo menção de se sentar numa das cadeiras que estavam junto da machina de escrever.

Sherlock Holmes, porém, desviou-o, segurando-o pelo braço e disse:

— Peço-lhe que não se sente ahi.

— Porque? Ah! reservou talvez esta cadeira para si? Tomarei a outra.

— Ah! tambem não, tornou Sherlock Holmes, essa deve ficar exactamente a dez passos da machina de escrever. Harry, escreve! Senhor director, tenha a bondade de se sentar diante da secretaria e dar attenção a um livro qualquer.

Neste momento um empregado appareceu á porta e annunciou em voz alta:

— A senhora Ellen Estrade acaba de chegar. Acompanha-a um cavalheiro. Vem receber o premio de seguro de Paulo Estrade.

— Mande entrar, disse o director.

Sherlock Holmes sentou-se junto á mesa e entregou-se á leitura de uma carta aberta deante delle.

Ouviu-se um ruge-ruge de saias de seda, depois, uma snhora bastante alta, deliciosamente bonita usando com elegancia o trajo de viuva, entrou no gabinete. Atraz della, avançou um homem alto, de hombros larguissimos.

Sherlock dirigiu-se vagarosamente ao seu encontro, emquanto Harry ia fechar a porta cuidadosamente.

— E' a senhora Ellen Estrade? disse o detective numa voz completamente mudada. Permitta-me, antes de tudo, que lhe exprima as minhas sinceras condolencias. E' uma grande desgraça perder o marido em semelhantes circumstancias.

— Oh! senhor, exclamou Ellen com a voz suffocada pelas lagrimas, atirando o véo de viuva para traz; agradeço-lhe o seu interesse... Sou muito infeliz!

— Comprehende-se, tornou o detective, quando se perde o que se tem de mais querido; entretanto... este senhor...?

— E' o marido de minha irmã que está em Sevilha, capitão Rodrigo Hernandez.

— Do setimo regimento, disse numa voz forte o capitão, de rosto marcial com bigode e pera pretos que iam admiravelmente com a sua cor morena e os olhos escuros e penetrantes. Julguei dever meu prestar o meu apoio a minha cunhada; tomei o expresso de Madrid-Paris e atravessei o estreito. Caramba! é um mau paiz este onde se assassina em plena capital. Em Hespanha nunca se deu caso semelhante!

— Penso, replicou tranquillamente Sherlock, que em qualquer grande capital, se podem commetter crimes medonhos que indignem toda a gente de bem. Mas queira sentar-se. A senhora aqui, e o capitão, nesta cadeira.

A senhora Estrade e o capitão sentaram-se nas duas cadeiras cujos assentos estavam cobertos por almofadas bordadas.

— Bem! as formalidades serão curtas, continuou Sherlock.

— Não se occupe comnosco, mancebo, disse, voltando-se para Harry, e continue a escrever na sua machina.

Harry começou a escrever rapidamente.

SOMNAMBULISMO

Ha magicos salões que o luxo affaga
Em castello vetusto e fabuloso:
Delles o som da festa se propaga...
Na placidez do portico ditoso

Fulgurações de luzes cambiantes
Transmutam-se em penumbra transparente
E, nos jardins que a fama fez gigantes,
Os convivas formigam lentamente.

E' tudo confusão, tudo é mysterio:
Tem a curva celeste de accterio
Uma vaga apparencia. Ha tambem pelas

Horas calmas, concerto sideral
No céu, essa epiderme colossal
Que a noite clara tatuou de estrellas.

Florianopolis.

Francisco Th. Alves

Ouviu-se um ligeiro estalido, que durou apenas meio minuto; em seguida todo o ruido passou.

— Tenho aqui uma copia do processo verbal, proseguiu Sherlock, permittam-me que lhes leia os pontos mais importantes.

"Paulo Estrade foi encontrado assassinado ha quatro dias, á entrada de Hyde-Park. Foi um marinheiro quem descobriu o cadaver. Chamou um cocheiro que passava, e, como encontrara no cadaver papeis contendo o nome de Estrade e a direcção, soube que se tratava do banqueiro Paulo Estrade. Levou o cadaver para o seu domicilio. A dor da viuva foi grande.

"Afim de que o horroroso crime perpetrado na pessoa de seu marido não ficasse impune, dirigiu-se immediatamente ao celebre policia amador, Sherlock Holmes.

"Era do seu dever proceder assim, porque na carteira do morto, fôra encontrada uma recommendação segundo a qual, em caso de ser victima de algum crime, dever-se-ia reclamar o auxilio de Sherlock Holmes...

— Tudo isto está no processo verbal? perguntou o capitão Hernandez que se impacientava.

— Oh! e muitas outras coisas ainda.... tornou o individuo de barba branca, sentado á mesa. Vê-se ahi que o celebre policia constatou que o pé do cadaver media 45 pontos. Era muito importante, porque Sherlock observou pouco depois, no jardim da casa, vestigios de passos de um homem que na propria noite do crime, fez uma visita á senhora Estrade e foi ternamente recebido por ella. Mediam igualmente 45 pontos! O calçado pertencia portanto a uma só pessoa.

— Canalha, ludibriaste-nos! gritou de subito o capitão, não com um accento hespanhol, mas em excellente inglez.... deves.... morrer!

E o capitão quiz erguer-se precipitadamente, assim como Ellen.

— Escreve em tua machina, Harry, disse Sherlock ao discipulo.

De novo a machina começou a funccionar e a senhora Estrade exclamou, gemendo:

— Não posso erguer os braços! Santo Deus, estou como que paralysada!

— Tambem eu, disse o capitão penosamente, isto é uma violencia!

— Oh! não, é apenas um pouco de electricidade disse Sherlock tirando com a maior serenidade a cabelleira; sabia que ia lidar com gente capaz de tudo e que se serviria em caso de necessidade de revolver. Para evitar que o sangue corresse inutilmente, preferi empregar este meio. Fiquem pois sentados tranquillamente e ouçam o resto.

O detective proseguiu:

— Era portanto evidente para Sherlock Holmes que o cadaver que lhe tinham mostrado não era o do banqueiro Paulo Estrade, porque o ferimento fôra feito, muito imperfeitamente. O corpo do defunto, entregue nesse mesmo dia por Simon Rudge, o vendedor de cadaveres, era o de um degraçado que se lançara ao Tamisa.

"Não apresentava ferimento algum. Deram-lhe uma punhalada, mas não repararam que o golpe deveria ter sido dado de cima para baixo e commetteram o erro de ferir perpendicularmente. Resultou um ferimento no coração, em forma de canal, o que nunca se pode produzir numa aggressão subita, porque ninguem pode segurar um punhal assim como eu empunho agora esta pequena faca de cortar papel.

Debalde o supposto hespanhol envidou todos os esforços para se subtrahir ao effeito da electricidade; não podia fazer um movimento; apenas os olhos testemunhavam o furor de que estava possuido.

— Apoderando-me do fornecedor de cadaveres tive para falar a verdade, a prova definitiva. Comtudo o processo verbal diz mais:

"Sherlock Holmes soube de boa fonte que acabava de chegar inesperadamente de Hespanha um cunhado da senhora Estrade e que deviam vir ambos apresentar-se na "Grasham" das dez horas para o meio-dia, afim de receberem a importancia de cem mil libras. Pois bem, senhor e senhora, o seu cheque está prompto, mas sob a forma de mandado de captura. Senhor director, quer ter a bondade de mandar subir o capitão Morris, da delegacia de Ludgate, que espera lá em baixo com os seus homens? Harry continua entretanto a tocar-nos uma symphonia na machina de escrever electrica.

Esperaram a chegada do capitão Morris com os guardas para arrancarem ao capitão a mascara, as barbas postiças e cabelleira; appareceu então aos olhos de todos a face escanhoada de Paulo Estrade.

Foi, assim como a sua linda mulher, conduzido immediatamente á prisão. Dias depois compareceram perante o tribunal que os condemnou a dez annos de Newgate, a famosa prisão de Londres.

(Cont. na pag. seguinte)

MEU DESTINO

Trouxe, criança e só, pela garganta
Do mundo, o meu Destino.... Guardo-o. Agora,
E' agitação ou vida quando canta,
E é tristeza ou saudade quando chóra.

Amo-o e penso magoál-o em tudo. Quanta
Lagrima e prece pela estrada a fóra!...
E nesse mesmo ideal, que vibra e encanta,
Perpetúa no ideal que me devora!

Destino? — E' a minha Mãe! E ao vêl-a tão
Bôa, cheia de mim, e tão sentida,
Fazendo da tortura a redempção,

Eu tenho ansias — de alma commovida —
Gritar seu nome e supplicar perdão
Por tudo que eu não fiz na minha vida!

BRIGIDO TINOCO

Chuva de pedras

De Adonai de Medeiros

Os cães abanam a cauda para demonstrar alegria; os cavallos batem com as patas e o homem applaude com as mãos...

* * *

Dizem ser o travesseiro um bom conselheiro; não é certo, pois que elle é como muitos amigos — concorda com tudo.

* * *

A reputação é como o perfume que, depois de exposto, se evola...

* * *

Não ha mulheres feias: ha homens myopes...

* * *

Si um homem que presumes de caracter se fizer acompanhar de um crápula, podes mudar o teu juizo a respeito delle...

* * *

Detesto as entrevistas por causa do rifão: "Quem muito fala, muito erra".

* * *

"Mais depressa se apanha um mentiroso do que um côxo". Sempre encontro os dois juntos: quem mente, claudica na verdade.

* * *

Entre a guerra civil e a da fome — é preferivel a primeira...

* * *

"A justiça divina, quando tarda, é porque vem em caminho", e a dos homens, quando demora, é porque não vem mais...

* * *

Somente sabe mandar aquelle que já obedeceu.

* * *

O raciocinio é filho da miseria. Os ricos só o vêm a conhecer quando elle apparece sob a forma de Cyreneu.

O empregado principal da casa, que tomara parte na patifaria, disfarçado em marinheiro e que se apoderara do livro secreto e dos balanços, partilhou a sorte do honrado par. Teve, durante alguns annos, tempo para meditar sobre os seus erros.

A casa bancaria Paulo Estrade foi liquidada judicialmente, mas a administração conseguiu fazer com que os clientes recebessem a maior parte do seu capital.

Sherlock Holmes foi alvo de um triumpho sem precedentes porque soube decifrar, num prazo relativamente curto, um dos enigmas criminosos mais complicados destes ultimos annos.

A "Gresham" enviou-lhe um cheque de dez mil libras. Como sempre em casos de igual natureza, Sherlock deu a quarta parte dessa quantia aos pobres de Londres.

Em toda a Inglaterra resoou de novo o nome de Sherlock Holmes, que ella saudou com enthusiasmo como o primeiro policia do mundo inteiro.

FIM

No proximo numero, do mesmo autor:

OS MYSTERIOS DO TAMISA

O occulista. — De modo que continúa vendo sombrinhas?
O cliente. — Sim, doutor... com a differença de que, agora, com os oculos, as vejo maiores...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 48$000
Semestre (26 ») ...... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 70$000
Semestre (26 ») ...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 78$000
Semestre (26 ») ...... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 118$000
Semestre (26 ») ...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: THESOUREIRO:
Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97
Endereço telegr.: FON - FON
Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ...... 1$500